

Este exemplar corresponde
à redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão julgadora
Campinas 3/12/90 Edmundo Fernandes Dias

JUAREZ ROCHA GUIMARÃES

copy

CLARO ENIGMA: O PT E A TRADIÇÃO SOCIALISTA

Dissertação de Mestrado em Sociologia
apresentada ao Departamento de
Ciências Sociais do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo Fernandes Dias†

6.9.1990
Novembro de 1990

G947c

13051/BC

0

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A meus pais.

que, à sua maneira, me ensinaram
a indignação contra a injustiça.

"Quando se escreve a história de um partido, enfrenta-se toda uma série de problemas. O que será a história de um partido? Será a simples narrativa da vida interna de uma organização política, como nasce, os primeiros grupos que a constituem, as polêmicas ideológicas por meio das quais nasce seu programa e sua concepção do mundo e da vida? Nesse caso, seria a história de restritos grupos intelectuais e as vezes a biografia política de uma única personalidade. O quadro deverá ser mais amplo: será a história de uma determinada massa de homens que terá seguido àqueles homens, os teriam sustentado com sua confiança, criticado-os 'realisticamente' com a sua dispersão e a sua passividade. Mas esta massa será constituída apenas pelos membros do partido? Será necessário acompanhar os congressos, as votações, etc., todo o conjunto dos modos de vida com que uma massa de partido manifesta a sua vontade; mas será suficiente? Será necessário evidentemente levar em consideração que o partido é a expressão e a parte mais avançada, e a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Mas este grupo não está isolado na sociedade, tem amigos, afins, adversários, inimigos. Apenas do complexo quadro de todo o conjunto social resultará a história de um determinado partido, e, portanto, se pode dizer que escrever a história de um partido significa escrever a história geral de um país de um ponto de vista monográfico, para ressaltar-lhe um aspecto característico. Um partido terá tido maior ou menor importância, maior ou menor significado precisamente na medida em que a sua atividade particular tiver tido peso maior ou menor na determinação da história de um país. Assim do modo de escrever a história de um partido resulta o conceito do que um partido seja e deva ser. O sectário se exaltará com os pequenos fatos internos, que terão para ele um significado esotérico e o encherão de entusiasmo místico. Um historiador-político dará a estes fatos a importância que eles têm no quadro geral e insistirá sobre a eficiência real do partido, sobre sua força determinante, positiva ou negativa, no ter contribuído para determinar um evento e mesmo no have-lo impedir de realizar-se."

Antonio Gramsci.

Quaderni 9 (§ 64): Maquiavel. História das classes subalternas) Importância e significado dos partidos.

Quaderni del Carcere, pp. 1134-1135.

INTRODUÇÃO

O recurso ao título drummondiano foi a forma encontrada para expressar o desconcerto de pertencer a um mundo e de se sentir algo estranhado em relação a ele. Talvez esse desconcerto seja mesmo uma estratégia de conhecimento: evitar as ilusões do que está próximo ao sentimento e os academicismos da razão que lida de fora com o objeto.

Militante socialista antes de ser petista, com investimento de vida e emoção neste partido mais do que suficiente para não ser indiferente quanto ao seu destino, lidei sempre com estas polaridades: a tradição socialista e a realidade em movimento do PT. Esta dissertação é, portanto, um acerto de contas a meio caminho, após dezessete anos de militância, local de transição. Não conclui, não termina, projeta problemas.

Penso, porém, que os problemas que discuto nessa dissertação são representativos da época, de gerações de socialistas. Nós, socialistas, chegamos a uma situação paradoxal na história: para continuar a exercer a crítica da ordem precisamos construir a crítica do nosso próprio movimento, superar erros e ilusões sem perder o sentido e o encantamento de nossa atividade.

Quando o PT nasceu, em ruptura e atritos com as vertentes mais tradicionais da esquerda brasileira, tornou-se senso comum a idéia de que o Partido inaugurava o novo, quase um marco zero na luta pelo socialismo. Em algumas versões, esta apologia do "novo" quase dava as costas com arrogância à tradição, ao esforço das gerações passadas. Pobre "novo", frágil modernidade esta, que não

se alimenta do diálogo com a tradição.

Pois, paradoxalmente, só é possível definir o "novo" em contraste com a tradição, identificando os pontos de ruptura que marcam o nascimento do PT como sendo uma espécie de refundação política dos trabalhadores e do movimento socialista no Brasil. Assim, o contraste comparativo com a experiência e a cultura do movimento socialista é uma forma de conhecer a originalidade do PT.

Como toda estratégia de conhecimento, ela tem os seus riscos. O principal deles é a tentação da analogia ou da procura de um tipo-ideal ao qual a experiência petista pudesse ser referenciada. A fuga deste vício, nesta dissertação, foi facilitada, como se verá, pelo fato de que a tradição socialista dificilmente pode ser captada como uma experiência homogênea e paradigmática. Ela é plural, nos conceitos e na história, desde o início.

Como o arco comparativo, porém, é muito largo, muito tensionado pois envolve a comparação de situações históricas muito distintas talvez esta dissertação tenha incorporado alguns desequilíbrios inevitáveis de percurso. O que se ganha em possibilidades de conhecimento, em contrapartida, vale o risco.

Pois se analisamos a não muito vasta bibliografia já escrita sobre o PT, identificamos duas ausências maiores.

A primeira refere-se a pobreza dos estudos empíricos sobre um Partido vasto, nacional, e cuja cultura está longe de cristalizar-se. Esta realidade movediça que é o PT relativiza bastante as virtudes de um estudo empírico circunstanciado, cerca suas potencialidades analíticas já que se perde a necessária visão da globalidade do curso do Partido.

A segunda carência, mais importante, ressalta um problema de referências analíticas para um estudo do PT. A sua forte originalidade do PT desafia o enquadramento rígido na tradição das I, II e III Internacionais. Seus elos de semelhança com a tradição populista ou mesmo com os partidos burgueses no Brasil são escassos. Há, pois, uma primeira barreira - a do método de abordagem - ao conhecimento do PT.

O método, que é privilegiado nesta dissertação, mais além da forma comparativa em que ela é construída, é o de procurar captar as tendências de evolução do PT a partir de um ângulo que combina a análise dos vários elementos de cultura partidária (ideologia, formas organizativas, composição das correntes internas, etc.) em sua relação com as pressões integradoras da ordem. O que se perde da riqueza dos detalhes históricos vale o que se ganha em noção de perspectiva, de totalidade.

A dialética entre reforma e revolução, entre pressão por alargamento e democratização ou ruptura da ordem, é pensada também na relação do Partido com a Sociedade. Fazer a história do Partido deste ponto de vista é também fazer a história da sociedade.

Pois perguntar acerca do destino da energia e da vontade transformadora do PT é indagar também sobre os rumos da ordem capitalista selvagem que nos cerca. Será o potencial transformador do PT reprimido, isolado, neutralizado pelos efeitos de uma nova modernização conservadora e elitista do país? Será ele absorvido e canalizado para reformas democratizantes da ordem, empenhada em um movimento de auto-reformas sob pressão, mas controladas? Ou, este potencial, mobilizando forças sociais profundas e construindo uma hegemonia socialista, escapará das artes do controle, repressão e

cooptação da ordem e forçará a emergência de uma nova sociedade, com novas referências de civilização?

Nenhum desses destinos está definido. Dependem de uma trama de processos, entre os quais a paixão historicizada dos socialistas pode se armar como sujeito da história.

Assim, a pergunta "o que será do PT?" puxa necessariamente outra: "o que fazer no PT?". Como, reconhecendo suas contradições e tendências de evolução, agir conscientemente sobre elas.

Como o próprio nome da dissertação indica, este é o primeiro passo de uma reflexão que se projeta para o futuro. Enfocamos o PT em contraste com a primeira tradição socialista, a de Marx, Engels e a da II Internacional. O enigma é explicado mas não resolvido.

O agradecimento que faço aos companheiros e companheiras que, direta e indiretamente, contribuíram para a elaboração desta dissertação vai na forma de um compromisso.

Em primeiro lugar, ao professor e amigo Edmundo Fernandes Dias com o reconhecimento de que esta dissertação é, em grande medida, fruto de um diálogo que continua.

Em segundo lugar aos companheiros do PT - em particular, aos companheiros da tendência Democracia Socialista - da qual participo, com a certeza de que o rico debate e a convivência política que tivemos e teremos em muito estão impressos em cada linha deste trabalho.

Capítulo 1: "O PT E A I INTERNACIONAL: AS RAÍZES DO ENIGMA"

A idéia de que o nascimento do PT significou uma ruptura com as idéias de Marx sempre foi afirmada e ganhou credibilidade por várias razões.

O PT nasceu sob a crítica e a oposição de partidos, organizações e quadros que se reclamavam do marxismo a partir de distintas tradições.¹ Mesmo algumas organizações ou grupos que se reivindicavam do marxismo e mantiveram uma relação com o processo que deu origem ao PT e vieram depois a participar dele não o concebiam como um partido estratégico.

As declarações de Lula à época, fortemente críticas à tradição da esquerda brasileira, ciosas de resguardar a autonomia do movimento pró-PT frente a qualquer pretensão de controle por parte de eventuais correntes organizadas de esquerda, críticas a uma definição ideológica e pragmática mais precisa do partido que nascia aparentemente só confirmariam esta pretensa ruptura com o marxismo.

Mas é exatamente o contrário: a concepção de partido que

1

No caso do PC do B, PCB e MR-8 esta oposição se explicava em grande medida pelo apego à tradição estalinista destas correntes que supõe uma relação vertical e substitucionista entre vanguarda e massa. Além disto, estas correntes recusavam o princípio da independência política de classe, do qual o PT era a projeção, em nome de uma frente orgânica e legal com os liberais.

Algumas outras correntes de esquerda marxista que vieram a participar da fundação ou um pouco mais tarde do PT, recusavam-no como alternativa partidária estratégica em nome de uma interpretação do leninismo, que concebia a construção do partido revolucionário a partir da expansão de um núcleo de quadros bem definido ideológica e programaticamente.

marcou a criação do PT guarda uma enorme semelhança com as idéias desenvolvidas por Marx durante as suas relações com o movimento cartista, na sua militância na Liga dos Comunistas e na I Internacional. O PT é uma das experiências históricas que provavelmente mais se aproxima do sentido clássico que Marx atribuiu ao partido de classe.²

Marx usou o termo "partido" em duas acepções: no "sentido histórico" e no "sentido efêmero". No sentido histórico, o partido resulta do próprio movimento da classe na medida em que ganha consciência de seus interesses. No sentido efêmero, o partido se identifica com uma organização política precisa, entendida como um "episódio na história do partido que nasce naturalmente do solo da sociedade moderna."

A realidade a partir da qual Marx elaborou a sua concepção de partido foi fundamentalmente a do movimento cartista, poderoso fluxo de lutas organizadas do movimento operário inglês pela conquista de direitos políticos.³ Foi a partir deste movimento

² Este ponto de vista foi externado por algumas correntes marxistas a partir da defesa estratégica da retomada de uma perspectiva de independência de classe por parte do movimento operário brasileiro. Ver, por exemplo, o artigo de Michel Lowy em EM TEMPO, 14-27/8/1980.

³ O movimento cartista surgiu como desdobramento das lutas sindicais dos trabalhadores ingleses. É considerado o primeiro movimento político importante enraizado no operariado.

Em 1836, um carpinteiro de nome Wilson Lowett criou a Associação dos Trabalhadores de Londres com base em seis reivindicações que ficaram conhecidas como Carta do Povo: voto universal masculino, abolição do censo eleitoral (até esta época só podia ser candidato quem possuísse propriedades no valor mínimo de 300 libras), voto secreto, igualdade na divisão dos distritos eleitorais, pagamento aos parlamentares para que os trabalhadores pudessem também exercer mandatos e redução dos períodos legislativos.

Na luta pela conquista destes direitos, foi organizado um poderoso movimento de massas. Em 1839, foram recolhidos um

político real do proletariado inglês que Marx elaborou o complexo problema da construção do partido operário em outros países nos quais o capitalismo era menos desenvolvido.

Podemos identificar cinco idéias nucleares na concepção partidária de Marx:

1) A noção básica de que a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. A revolução concebida como auto-emancipação das massas proletárias que formariam uma consciência revolucionária a partir de sua própria experiência de luta.

Esta concepção - que marca a superação das noções idealistas hegelianas por Marx - significou um rompimento com as concepções socialistas utópicas, conspirativas ou sectárias que marcam a infância do movimento operário.

2) A noção, exposta no Manifesto Comunista⁴, de que "os

milhão e duzentas e oitenta mil assinaturas em uma petição a ser enviada à Corte. A primeira Convenção Nacional Cartista em 1839 foi dissolvida.

O movimento voltaria a se organizar com mais ímpeto. Em 1842, fundou-se a Associação Nacional Cartista, que tinha o perfil de um verdadeiro partido: 40 mil associados, distribuídos em 400 núcleos locais, com dirigentes eleitos pelos membros contribuintes. A segunda petição recolheu mais de 3 milhões de assinaturas. O Parlamento rejeitou novamente a Carta. Uma nova onda de greves e manifestações acabou esbarrando na prepotência das classes dominantes inglesas.

A partir daí, o movimento cartista viveu um período de divisão e crise. Em 1848, seria organizada uma terceira petição sem, no entanto, alcançar o nível de mobilização do período anterior.

A reforma eleitoral só veio a ocorrer em 1867, em um contexto de mudanças controladas pelas classes dominantes.

⁴ Esta noção tem por base a ala esquerda do cartismo inglês, reunida na associação dos *Fraternal Democrats*, com a qual Marx e Engels mantinham relações.

Em uma declaração de Julian Harney - um dos dirigentes dos *Fraternal Democrats* - esta noção aparece exposta com clareza: "Rechacemos a idéia da organização de um determinado partido ao lado dos que já existem na Inglaterra. Não queremos competir com eles, senão unicamente ajudar a todos aqueles que se organizaram para a realização da liberdade

comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários."

"Não têm interesses que os separam do proletariado em geral."

"Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretendam modelar o movimento operário."

"Os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários em dois pontos: 1) nas diversas lutas nacionais dos proletários destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade; 2) nas diversas fases por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam sempre e em toda parte os interesses do movimento em seu conjunto."

"Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente, têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário."

Esta idéia é acompanhada de uma crítica forte às concepções sectárias de partido, concebidas como organização à parte ao movimento real dos trabalhadores:

"A internacional foi fundada para substituir as seitas socialistas ou semi-socialistas por uma organização real da classe com o objetivo de lutar. Os estatutos iniciais e o Manifesto inaugural demonstram isso a um simples exame. Por outro lado, a Internacional não poderia se firmar se o espírito de seita não tivesse sido esmagado pela marcha da história. O desenvolvimento do sectarismo socialista e o desenvolvimento do movimento operário real encontram-se sempre em proporção inversa. As seitas se justificam (historicamente) enquanto a classe operária ainda não está amadurecida para o movimento histórico independente. Mas quando alcançou esta maturidade, todas as seitas se tornam

popular." Em um discurso de outro dirigente da Associação, Ernest Jones, publicado no jornal *Northern Star*, de 5 de fevereiro de 1848, a mesma idéia é retomada: "No momento da criação da União reinava uma ligeira desconfiança em relação aos *Fraternal Democrats*; supunha-se que era uma tentativa de substituir o movimento cartista por um outro, para criar um partido no partido. Na atualidade sabe-se que todo membro desta União deve ser antes de tudo cartista e que ser cartista é uma condição para ser admitido na União" (citado por Michel Lowy, *A teoria da revolução no Jovem Marx*, Siglo Veintiuno Editores).

essencialmente reacionárias.⁵

3) A noção de independência política dos trabalhadores, isto é, a idéia da necessidade de que eles constituam um partido próprio, diferenciado das formações políticas das classes dominantes.

Ela aparece na mensagem ao Comitê Central à Liga dos Comunistas em março de 1850:

"procurar estabelecer ao lado dos democratas oficiais uma organização independente do partido operário, ao mesmo tempo legal e secreta, e fazer de cada comunidade o centro e o núcleo de sociedades operárias, nas quais a atitude e os interesses do proletariado possam ser discutidos independentemente das influências burguesas."

Marx afirma nesta circular que os operários alemães devem

"adotar o mais cedo possível uma posição de partido independente recusando-se a ser dissuadidos, pelas belas e hipócritas palavras da pequena-burguesia democrática, da organização independente do proletariado."

Este anseio pela independência política do proletariado seria gravado no Congresso da Iª Internacional através do artigo 7A⁶, em Haia, 1872:

"o proletariado não pode atuar como classe se não se constitui ele próprio um partido político distinto,

⁵ Carta a Bolte, de 23/2/1871 em Marx e Engels, *Obras Escogidas*, vol. II, p. 446. Ver também a interessantíssima carta a Schweitzer, de 13/10/1868: "E toda seita é, com efeito, religiosa. Ele (Lassalle) negou, precisamente por ser fundador de uma seita, todo nexó natural com o movimento passado e do exterior (...) A seita busca sua razão de ser e seu ponto de honra não naquilo que tem de comum com o movimento da classe, mas sobretudo no sinal de reconhecimento especial que a distingue deste movimento (...). Esta atitude da seita de querer considerar que só ela é pura, que só ela é o caminho da salvação, conduz à conclusão de considerar as demais forças do movimento operário como seus braços seculares (por exemplo, os sindicatos) ou como hereges."

⁶ Antes, na Conferência de Londres, realizada em setembro de 1871, a resolução IX já se posicionara neste sentido.

oposto a todos os antigos partidos formados pela classe dominante."

4) Coerentemente com as noções anteriores de auto-emancipação do proletariado, Marx põe a ênfase na necessidade que os partidos proletários sejam democráticos e de massa, de forma antagônica às características conspirativas e autoritárias das seitas.

No I Congresso da Liga dos Comunistas, realizado em 1847, uma das principais mudanças introduzidas em seu funcionamento anterior (enquanto Liga dos Justos) foi a aprovação de um estatuto "absolutamente democrático, compreendendo direções eleitas e revogáveis a qualquer momento com o que se fechava a porta a todas as veleidades conspirativas, que exigem sempre um regime de ditadura, e a Liga convertia-se assim - pelo menos nos períodos normais de paz - numa sociedade exclusivamente de propaganda."⁷

Polemizando contra a idéia das sociedades secretas, Marx criticava o seu caráter autoritário nos seguintes termos:

"É necessário realizar a educação dos operários, aumentar a sua liberdade e independência. Estas sociedades são místicas e autoritárias. São um perigo para o espírito da Associação."

Em cartas dirigidas a Schweitzer, presidente da União Geral dos Trabalhadores Alemães (ADAV)⁸, hegemônica pelas idéias de Lassalle, critica o "sistema de tutela" aplicado à classe operária alemã e o fato de que o "operário seja tratado desde a sua infância com providências burocráticas."

⁷ Engels, *Contribución a la história de la Liga*, p. 367.

⁸ A União Geral dos Trabalhadores Alemães (ADAV) foi valorizada por Marx como uma das primeiras manifestações de independência política do proletariado alemão.

5) Ainda de acordo com esta noção fundamental de auto-emancipação, Marx critica a idéia de que o papel da Internacional seja o de ordenar ou impor um sistema doutrinário artificial. A Internacional fixa alguns princípios gerais do movimento - mesmo assim entendidos como interpretação do movimento concreto da classe - e deixa uma autonomia grande às seções na elaboração de seu programa:

"Está de acordo com o princípio da Associação Internacional dos Trabalhadores o de deixar a cada seção a responsabilidade por seu próprio programa".

E prossegue:

"Como o grau de desenvolvimento alcançado por diferentes países varia necessariamente muito, o movimento atual se expressa necessariamente em muitas formas distintas."

Engels, em uma carta a seu amigo Sorge¹⁰ afirma ainda mais claramente a crítica a uma atitude tutelar:

"O primeiro grande passo a ser dado em todos os países que tenham recentemente entrado em movimento é a constituição dos operários em o partido operário independente, não importando como, mas bastando somente que ele seja um partido operário distinto... Que o primeiro programa deste partido seja confuso e dos mais incompletos, isto é um inconveniente inevitável mas, no entanto, passageiro. As massas devem ter tempo e oportunidade de se desenvolver e esta oportunidade elas terão no momento em que possuírem um movimento próprio, onde serão impulsionados por seus próprios erros... as pessoas realmente inteligentes exercerão inicialmente o papel que antes de 1848 exercia a Liga dos Comunistas entre os grupos operários."¹¹

9 Carta de Marx a Engels de 5/3/1869.

10 29/11/1866.

11 A crítica rigorosa ao programa aprovado no Congresso de Gotha, em 1875, está dirigida mais às influências das idéias de Lassalle assimiladas no programa do que a preocupação de uma delimitação estrita do programa. Em carta a Sorge, de 19 de outubro de 1877, afirmava Marx: "Portanto, se não era possível... ir mais além do Programa de Eisenach, teria que

Analisando as entrevistas e discursos de Lula no período de formação do PT, encontraremos estas cinco idéias nucleares de Marx sobre o partido da classe desenvolvidas em uma abordagem extremamente semelhante.

Além de demonstrada, essa semelhança deve ser qualificada e explicada.

O nosso ponto de vista é que esta semelhança não é formal mas substantiva.¹²

A consciência de Lula expressa nestas entrevistas e discursos é particularmente importante por três razões. Lula fala como vanguarda de um movimento real de uma parcela da classe trabalhadora recém saída de grandes embates com os patrões e o governo. Sua fala neste período revela a transição de uma consciência que salta a partir de um movimento grevista de motivação econômica e se politiza de forma concentrada e acelerada.¹³ Por fim, porque esta consciência sindical classista se tornou o veio central da fundação do PT: as características assumidas pelo PT em sua origem estão, em grande medida, prefiguradas nestas entrevistas e discursos.¹⁴

ser limitado simplesmente a realizar um acordo para a ação contra o inimigo comum."

12 Semelhança não significa identidade. Trata-se de reconhecer uma área comum de reflexão, a partir de trajetórias evidentemente distintas.

13 Ao descrever a evolução do movimento operário inglês da luta em defesa do salário para um movimento político em A Miséria da Filosofia, Marx fala deste processo vivido por uma classe que "na luta" se constitui como classe para si. O salto da consciência de Lula, expresso em entrevistas deste período de formação do PT, é evidente.

14 A noção de que o sindicalismo classista foi o veio central no processo de fundação do PT não pode obscurecer o fato de que ela só se viabilizou pela confluência de organizações

Vamos à demonstração desta semelhança:

1) "Eu não acho que ninguém nunca mais deve duvidar da capacidade de luta da classe trabalhadora porque está provado que somente os trabalhadores poderão transformar esta sociedade de consumo em que vivemos numa sociedade mais justa, numa sociedade em que efetivamente haja distribuição de renda, numa sociedade em que efetivamente o trabalhador possa andar de cabeça erguida."¹⁵

Ou ainda:

"Não, eu não estou fazendo nenhum elogio à classe trabalhadora. Em primeiro lugar, é a classe que mais conheço; em segundo lugar, eu tenho a certeza de que só haverá transformação da sociedade brasileira se a classe trabalhadora quizer que haja. Daí, como no mundo inteiro, historicamente, a classe trabalhadora¹⁶ é a propulsora das transformações que existem por aí."

Este sentimento de exaltação, de confiança, de aposta na capacidade da classe trabalhadora é o principal traço das declarações de Lula no período. Ela é enfatizada e repetida a cada momento como núcleo básico de sua argumentação.

Este sentimento refletia a experiência de um dirigente operário que havia dirigido efetivamente um dos movimentos de massas mais fortes de contestação à ditadura militar desde 1964.

Era, além disso, uma tese profundamente subversiva em relação a uma subestimação das potencialidades emancipatórias da classe trabalhadora que, por ângulos distintos, atravessava tanto o ideário do regime militar como da oposição. Esta tradição elitista

marxistas de quadros, intelectuais, parlamentares combativos que não encontravam lugar no MDB e setores cristãos em radicalização. No grande debate que se travou no período da fundação do PT, estas forças, exerceram um papel ativo na configuração das características do futuro partido.

¹⁵ Entrevista a Renato Tapajós, em Lula, Entrevistas e Discursos, p. 191., Editora O Repórter de Guarulhos, 1981.

¹⁶ Entrevista a Xênia Bier, publicada na Revista Especial, nº 5, abril de 1980.

deitava raízes inclusive no solo do pensamento da esquerda brasileira.¹⁷

2) Outra noção reiterada por Lula nessa conjuntura é a de que a classe trabalhadora deve caminhar por suas próprias pernas, evitando toda espécie de tutela:

"A minha briga é para que a classe trabalhadora não seja a massa de manobra nem de político, nem de governante, nem de empresário. Ela tem de acertar e errar pelos seus próprios pés e pela sua própria cabeça."¹⁸

Esta noção de autonomia da classe trabalhadora o fez investir criticamente contra as pretensões de tutela dos partidos burgueses, da Igreja e até dos próprios sindicatos.¹⁹

¹⁷ O estudo sociológico da classe trabalhadora brasileira é marcado por várias correntes de pensamento que buscavam teorizar as razões estruturais da sua incapacidade de constituir uma ação coletiva e autônoma.

Um argumento reiterado dos opositores ao projeto de constituir o PT a partir de um viés classista era o de sua inviabilidade.

Por sua vez, os cálculos casuísticos do regime militar trabalhavam com a idéia de reconstrução de um PTB "sem alma" e não previam a possibilidade de emergência de um partido classista, independente.

¹⁸ Entrevista a Xênia Bier, *op. cit.*

¹⁹ "Acho que o movimento sindical pecou durante um determinado tempo por querer tutelar a classe trabalhadora. E de que forma tutelar? Mostrando a ela toda uma legislação que cerceava os direitos de participação dos trabalhadores. Porém o raciocínio é simples: existe uma legislação que cerceia o direito da classe trabalhadora e que não foi feita pela classe trabalhadora. Foi feita inclusive pelos nossos patrões. Se a legislação não é justa e o trabalhador entende que ela não é justa cabe a ele passar por cima desta legislação para mostrar que é injusta." (Entrevista ao Diário do Grande ABC, 23/7/78).

Ou ainda: "Eu respeito muito a Igreja. Uma vez eu declarei a uma revista que a Igreja estava cumprindo um papel de quem estava com remorso. Ela tinha ficado parada durante muito tempo e agora surgiu como a grande salvadora da classe trabalhadora. Quando eu disse isso, eu não quis agredir determinadas pessoas da Igreja porque na Igreja existem pessoas realmente dispostas a lutar em benefício da classe trabalhadora ou, pelo menos, trabalhar na arregimentação da classe trabalhadora. O que eu acho, e isso eu ainda preciso

Em um raciocínio reveladoramente semelhante ao de Marx contra as seitas, Lula faz a crítica aos grupos de esquerda que querem se sobrepor ou controlar o movimento real da classe:

"Estes grupos radicais têm que evoluir politicamente até o ponto de entender que as propostas políticas radicais não têm vez no meio da classe trabalhadora. Estes companheiros terão que entender que o trabalhador não é um instrumento de ação ou de pressão, é algo muito mais importante, é elemento de transformação."²⁰

Mais adiante, retoma e redefine o "radical": o PT

"é radical na medida em que a classe trabalhadora assume, na realidade, a sua primeira proposta política (...) a proposta do PT tende a ser efetivamente mais radical porque é mais real."

3) A necessidade da independência política dos trabalhadores é abordada seguidas vezes por Lula nesta época. Estas abordagens se inserem no grande debate travado nas fileiras da oposição ao regime, que opunha os defensores da tática da manutenção da frente oposicionista no interior do MDB aos propositores da criação de novas identidades partidárias no campo da oposição.

O debate, porém, transbordava nitidamente as implicações táticas na luta contra o regime militar. O que estava em jogo era a postura de subordinação ou não dos trabalhadores aos liberais na luta pela democracia e o próprio entendimento do caráter desta democracia pela qual se lutava.²¹

discutir com determinadas pessoas, é que não podem ser criados movimentos paralelos ao movimento sindical, pois isso prejudica a classe trabalhadora." (Programa Vox Populi, TV Cultura, SP, maio de 1978, *op. cit.*)

²⁰ Isto é, 20/2/1980, entrevista concedida a Nunzio Briguglio.

²¹ O debate é reconstituído na tese de doutoramento de Margaret Keck, *From movement to politics: the formation of the Workers' Party in Brazil*, pp 152-159, mimeo. Ver também a entrevista de Lula concedida à Tribuna da Imprensa em 12 de fevereiro de 1980, na qual defende a autonomia política dos

Lula pontua a crítica aos partidos então existentes:

"Os trabalhadores não dispõem de um partido político. O país conta com dois movimentos: um pró-governo, a ARENA, e um contra, o MDB, que na verdade também é pró-governo. Nenhum dos dois representa os trabalhadores - eles são obrigados a votar neles porque não têm opção. O partido dos trabalhadores será construído por eles - não só por operários mas por todos os setores assalariados - a médio prazo."²²

E define o caráter de classe do PT, respondendo a uma pergunta sobre o que separaria o PT do PTB e da Tendência Popular (do MDB):

"O problema é que estes partidos são de luta muito mais elitista do que de luta mesmo dos trabalhadores. Eu acho que o PT - embora eu não goste de dizer isso porque a imprensa logo começa a explorar isto, dizendo que eu sou obreirista, classista etc - é um partido que está muito mais próximo de ser um partido de classe do que qualquer outra coisa. Agora tem outra coisa também: as pessoas que acham que nós somos de classe não deveriam ficar horrorizados com isto porque os partidos que existem aí são da classe dominante. Portanto, é correto que o PT tenha esta aproximação de partido de classe porque ele surgiu da organização dos trabalhadores."²³

4) A idéia de um partido democrático e de massas é difundida com ênfase por Lula, também diretamente vinculada à noção de auto-emancipação da classe trabalhadora:

"O que é mais importante neste partido é que a classe trabalhadora tenha a maioria, seja a coordenadora e a mola-mestra do partido."²⁴

Ou ainda:

"Nós do PT quando falamos que o PT tem que ser um partido de massas, aberto, democrático é porque nós

partidos na frente de oposição ao regime militar.

22. Jornal da Semana, de São Bernardo do Campo e Diadema, 29/4/1979.

23. EM TEMPO, nº 107, de 3-18/6/1980.

24. Revista Cara a Cara, nº 2, julho-dezembro de 1978, p. 65.

achamos o seguinte: ou a gente fala a linguagem do povo ou a gente jamais conseguirá fazer alguma coisa neste país."²⁵

E mais:

"Primeiro é preciso entender que a prática da democracia se diferencia de um grupo para outro. O pessoal que compõe hoje o movimento pela criação do PT têm consciência que somente a democracia interna do partido pode dar a sustentação necessária para que ele efetivamente se afirme como um partido novo (...). Internamente, então, o PT pretende que, desde as reuniões da Comissão Nacional até as reuniões do pessoal de base para discutir a criação de núcleos e diretórios, o processo de decisão se dê através de um debate amplo e livre para que as pessoas escolhidas para determinadas funções representem não o resultado de conchavos, mas o consenso de qualquer reunião realizada dentro do PT."²⁶

5) Finalmente, Lula defende um campo de indeterminação pragmática para o PT em sua origem a ser coberto em compasso com o próprio processo de consciência do movimento dos trabalhadores:

"Seria muita petulância um dirigente sindical tentar traçar a linha de um partido antes de promover um debate com a classe trabalhadora. Não acho correto tomar decisões de cúpula sobre o partido e depois fazer com que o trabalhador aceite estas decisões. Mas acredito que, se você pegar um grupo de trabalhadores para fazer um programa partidário, haverá 99% de chances de que ele tenha uma tendência socialista."²⁷

Respondendo a indagação de que esta indefinição ideológica não retardaria a própria luta da classe trabalhadora, Lula responde:

"Eu acho que não. Evidentemente que todo programa partidário deve ter um cunho ideológico. Não pode ser vasilina como o PDS, por exemplo. E se você pegar o manifesto do PT, você vai ver que é uma proposta

²⁵ Lula sem censura: "... e aí a peãozada partiu pro pau", edição e apresentação de Altino Dantas, Editora Vozes Ltda, 1981.

²⁶ Tribuna da Imprensa, 12/12/1980.

²⁷ Isto É, 21/2/1979.

praticamente socialista. Por que a gente não deve levar para a classe trabalhadora o prato feito. Você tem que permitir que eles mesmos descubram se são ou não são socialistas ou comunistas. Você tem que dar espaço para que eles discutam e descubram por eles mesmos. E só dessa maneira os trabalhadores poderão definir que tipo de sociedade eles desejam. Ninguém tem a fórmula pronta, de uma sociedade perfeita para a classe trabalhadora. Eu acho que ela mesmo tem muito mais condições de propor esse novo tipo de sociedade. Se o PT não desejasse o poder não teria sequer razão de existir."²⁸

Como dissemos, esta semelhança de opiniões tem que ser qualificada. Qual é o seu significado mais profundo?

Logicamente não se trata de atribuir a Lula uma adesão inconsciente ao marxismo.²⁹ Nem de atribuir ao marxismo um poder premonitório ou de antevisão para além do tempo e do espaço.

Esta coincidência de idéias deve ser entendida de fato como uma área comum de reflexão a partir de movimentos simétricos. Para Marx: a partir da teoria crítica sobre a sociedade capitalista encontrar a ponte com o movimento operário real. Para Lula: a partir do movimento real estabelecer uma ponte para a construção de uma alternativa crítica à sociedade. O partido, na concepção de Marx, é exatamente o lugar de produção desta fusão entre o movimento real do proletariado e a teoria crítica do capitalismo.

Este campo de semelhanças não pode obscurecer as diferenças entre as concepções de Marx e as idéias defendidas por Lula quando da fundação do PT. Estas diferenças podem ser situadas em três níveis:

- extamente por ter construído uma crítica radical do

²⁸ Tribuna da Imprensa, 12/12/1980.

²⁹ Porém, é verdade que durante a sua militância sindical e no período de fundação do PT, Lula esteve todo o tempo em contacto com integrantes de correntes que se reclamavam do marxismo.

capitalismo, Marx tem uma visão programática definida no sentido de sua superação enquanto sistema;

- a idéia da necessidade da emancipação dos trabalhadores enquanto processo revolucionário é, por isso mesmo, bem definida em Marx;

- Marx parte sempre de uma visão internacional da luta de classes, ao contrário de Lula que tem a raiz de sua reflexão profundamente enraizada em um contexto nacional.

A área comum de reflexão, por sua vez, era inflexionada para responder a uma situação histórica que apresentava uma contradição semelhante: aquela existente entre um proletariado com grande peso social - inclusive com experiência de formação de um movimento contra a ordem burguesa - e a ausência de sua representação no sistema político vigente. A centralidade desta contradição explica o fundamental do nascimento do PT e também a formação do movimento cartista inglês, que, como vimos, foi a principal fonte inspiradora de Marx em seus escritos sobre o partido.³⁰

30

O caldo de cultura do surgimento do PT foi o grandioso ciclo grevista que se estende de 1978 a 1980. O componente classista do PT, este protagonismo dos trabalhadores no plano da política não poderia ser explicado sem este desdobramento social. O ciclo grevista de 1978/80 não foi grandioso apenas por envolver milhões. Ele ultrapassou o cenário ainda congelado por muitos anos de ditadura em três aspectos: as leis anti-greve e anti-arrocho (ampliaram os espaços democráticos, instauram a legitimidade por cima da legalidade); a estrutura sindical, esvaziada de qualquer sentido mobilizador após 1964 (as greves revelaram novas vanguardas, rompendo por dentro e por fora o imobilismo sindical); as próprias estruturas partidárias tradicionais das forças de esquerda (a ausência de correspondência entre o poderoso fluxo social revelado pelas greves e a sua insuficiente e escassa representação política pode ser entendida como o enigma não resolvido naquela conjuntura).

Ora, com o ciclo grevista o que estava no fundo veio à tona. E o que emergiu foi o novo rosto da sociedade brasileira, a sua nova configuração sociológica resultante de um vigoroso processo de desenvolvimento capitalista, cuja

Houve, inclusive, em 1893 a fundação do *Independent Labour Party* (ILP) que guarda semelhanças fortes com o nascimento do PT. Ele foi formado, em grande medida, pelas lideranças do chamado "novo sindicalismo", combativo e classista que havia se desenvolvido nos anos 1880-1890. Grupos de socialistas, muitas vezes agrupados em torno de pequenos jornais independentes, setores cristãos radicalizados participaram também da fundação do ILP. Alguns delegados propunham que o novo partido se chamasse "*Socialist Labour Party*" mas a maior parte dos delegados optou pelo nome de *Independent Labour Party* para marcar o caráter de classe do partido e atrair os sindicalistas que ainda desconheciam o socialismo.

A experiência do ILP, saudada por Engels, ganhou por um certo período uma audiência importante na classe operária inglesa, filiando rapidamente cerca de 20.000 membros. O insucesso nas eleições de 1895 e principalmente a pressão pela volta da aliança de trabalhistas e liberais acabaram minando, no entanto, o espaço para a consolidação do ILP. O seu insucesso abriria o campo para a formação do partido trabalhista, já encerrado desde o início nos

semente havia sido plantada na década de cinquenta mas que havia se tornado realidade a partir de 1968.

Esta nova configuração sociológica e esta nova geopolítica do movimento sindical contrastavam fortemente com o arcaísmo do sistema político-partidário, excludente e conservador.

Discutia-se, quando do nascimento do PT, a viabilidade de uma proposta classista. São Bernardo, dizia-se, seria a "montanha", um tipo não representativo da sociedade brasileira, configurada como uma extensa e conformada planície. Não era assim: a generalização das relações capitalistas, a universalização do assalariamento, a penetração do capitalismo no campo, a comunicação dos mercados regionais, a eclosão das novas "camadas médias" faziam parte do sistema do qual São Bernardo era o vértice.

horizontes da ideologia dominante.³¹

O movimento operário inglês viria, porém, a constituir um grande e duradouro partido próprio muito tardiamente (apenas em 1906, com a fundação do Labour Party). E mesmo a formação deste partido não deu lugar a uma política independente do movimento operário já que suas lideranças seguiam no fundamental as posições do Partido Liberal.

Este desenvolvimento político muito diverso do experimentado pelo PT - e que significou efetivamente a derrota das expectativas de Marx e Engels - tem a sua explicação fundamental na capacidade do capitalismo inglês de, através de uma política combinada de repressão, concessões econômicas e cooptação política, se impor como horizonte ideológico para os trabalhadores ingleses.³²

Já o movimento pela criação do PT tinha pela frente um regime político em crise, confrontado a operar um rearranjo partidário que abria inevitáveis corredores para as classes dominadas. Ao invés de um longo e forte período expansivo, o capitalismo brasileiro já vivia no final dos anos 70 uma diminuição do seu dinamismo que se manifestaria de forma incontestável na década de 80. E, principalmente, a incapacidade dos setores liberais, abrigados no MDB, de se constituírem como referência para os

31 Sobre o *Independent Labour Party* ver o artigo de Michel Löwy, "Como se constitui um partido de trabalhadores: a história do *Independent Labour Party* da Inglaterra (1893)" (mimeo) e a obra de G. D. H. Cole, *História del Pensamiento Socialista*, vol. 3.

32 Em uma carta a Kautsky em 8 de novembro de 1884, Engels reconheceria que "o desenvolvimento capitalista burguês mostrou ser mais poderoso que a pressão revolucionária oposta."

setores mais ativos do movimento operário.³³

Enfim, a luta pela constituição de um partido independente e classista dos trabalhadores no Brasil teve pela frente classes dominantes muito menos fortes do que o movimento cartista inglês, o qual tinha diante de si a primeira potência imperialista do planeta.

Voltamos ao ponto de partida. A concepção de partido em Marx - entendida como um desenvolvimento possível do movimento independente da classe - nos protege da tentação de modelos ou analogias simplificadoras.

Trata-se de, através deste estudo comparativo do PT com as diversas tradições e experiências do movimento operário, ir encontrando as suas contradições próprias, a sua cultura específica enquanto movimento real pela independência de classe dos trabalhadores.

33 A estrutura partidária do MDB, construída em estreita relação com a institucionalidade, hierarquizada pelos donos de mandatos, estava profundamente despreparada para abrigar os novos movimentos sociais surgidos na segunda década de setenta. A tese de Maria Dalva Kinzo - Oposição legal sob o regime autoritário: o caso do MDB (1966-1979) mostra isso com clareza: a pequenez e a marginalidade do departamento trabalhista do MDB era a expressão maior do viés parlamentarista e, em última análise, burguês do partido.

Capítulo II - O PT e a II Internacional: o enigma na história.

Se no capítulo I, concentramos a atenção em uma análise comparativa das concepções de Marx sobre o partido político e as opções que marcaram a fundação do PT, faremos agora um contraste histórico do PT com a tradição da II Internacional, do período que vai da sua fundação em 1889 a 1914.

O partido central da II Internacional - mais forte e difusor da ortodoxia - foi o Partido Social-Democrata Alemão. O Programa de Erfurt, aprovado em 1891, seria uma espécie de modelo, de paradigma para o programa dos outros partidos da II Internacional.

A II Internacional conseguiria também construir forças políticas relevantes na França Conde a divisão persistente do movimento cumpriria um papel fortemente negativo na projecção da social-democracia). na Itália, na Áustria, na Suécia, na Bélgica, na Dinamarca e na Espanha. Na Inglaterra, houve sempre o predomínio do reformismo anti-marxista e na Rússia haveria a formação de uma tradição marxista própria, que apenas nos seus primórdios pode ser identificada à tradição da social-democracia.

Podemos demarcar dois grandes períodos na vida da II Internacional:

- de 1889 a 1896 - São realizados quatro congressos, caracterizados em grande medida pela demarcação de campos com o anarquismo e o anarco-sindicalismo;

- de 1896 a 1914 - É o período de afirmação e maior crescimento da social-democracia e também dos grandes debates sobre a estratégia da revolução. Há uma gradativa hegemonização do reformismo que torna-se evidente com a capitulação dos principais

partidos da II Internacional ao nacionalismo quando da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

O PT guarda com a tradição dos principais partidos da II Internacional um campo de semelhanças, que poderia ser assim sistematizado:

- são partidos políticos que refletem anseios mesclados de representação, participação e emancipação de um proletariado já com importante peso social e com experiências vivas de movimentos reivindicatórios;

- são partidos que apresentam uma tendência a estabelecer uma segmentação entre a prática parlamentar e a sindical;

- são partidos de massa, compostos por filiados e com um grau de centralização fluído (no caso do PT, relativizada pela existência de tendências internas mais centralizadas);

- são partidos que, a partir de uma projeção unitária dos trabalhadores na esfera institucional, agrupam em seu interior um grau importante de heterogeneidade, inclusive no plano estratégico e doutrinário.

Estas semelhanças seriam apenas formais se não estivessem articuladas a uma mesma raiz, isto é, a de expressarem movimentos políticos de trabalhadores com um desafio semelhante na história; o de forçarem a abertura e o alargamento ou a ruptura de ordens capitalistas fechadas ou resistentes a uma democratização real do poder e da renda.

Este aparente paradoxo de encontrar um "desafio comum na história" entre duas épocas tão diversas e sociedades com inserções tão distintas no mundo capitalista - a diferença entre um país dependente e países imperialistas - é explicado pela

expansão não linear, no tempo e no espaço, do capitalismo à nível internacional.

Tanto o PT como os partidos da II Internacional são contemporâneos - expressam e relacionam-se - a um crescimento qualitativo da classe trabalhadora em suas respectivas sociedades, como fruto da forte expansão econômica capitalista.

Os quadros abaixo indicam estas tendências sociológicas.

*Trabalhadores na indústria manufatureira, de minas e transporte
(Porcentagem sobre a população economicamente ativa)*

	1880	1910
Bélgica	37,3	51,1
França	27,6	33,2
Alemanha	37,9	44,8
Itália	27,2	29,4

Fonte: Marcel van der Linden: The National Integration of european working classes (1871-1914) - Exploring the causal configuration. *International Review of Social History*, 1988, vol. XXXIII, nº 3.

*Trabalhadores na indústria em relação à
a população economicamente ativa (1960-1980)
(em %)*

	1960	1970	1980
Ind. de transf.	8,6	11,0	15,7
Ind. de const.	3,4	5,8	7,2
Outras ativ. ind.	0,9	1,1	1,5
Total	12,9	17,9	24,4

Fonte: IBGE

Estas classes trabalhadoras socialmente emergentes não desfrutavam nem de direitos políticos (a conquista do sufrágio universal e a transformação dos sistemas eleitorais restritivos vão ser um dos eixos principais de pressão dos partidos da II

Internacional) e de precaríssimos direitos sociais.¹ Os trabalhadores brasileiros, quando da fundação do PT, no décimo sexto ano de regime militar viviam uma situação específica de carência quase absoluta de direitos políticos e sociais.

Este "desafio semelhante na história" ilumina o valor da análise comparativa entre o PT e a II Internacional. Ela legitima e fundamenta a tensão entre reforma e revolução, pressão por alargamento e/ou ruptura da ordem, que nucleia o dinamismo destes partidos. Pois reforma e revolução são para estes partidos na sua relação com a história duas possibilidades abertas ao jogo da luta de classes. É em função dele que optamos por enquadrar a comparação do PT com os partidos da II Internacional no período em que esta tensão manifesta-se, conduzindo até a sua ruptura.

Do ponto de vista do movimento operário, esta tensão foi vivida pelos partidos da II Internacional, através da proposição de diferentes estratégias e atitudes para articular a luta por reformas com a dinâmica do capitalismo e do poder estatal. Do ponto de vista da ordem burguesa, tal pressão foi vivida sempre pelas várias combinações possíveis entre a resistência frontal às reformas ou a adaptação à elas. É evidente que estas tensões entre dominantes e dominados alimentavam-se mutuamente, definiam-se uma em relação à outra. E, apenas em situações limites, se excluíam.

Este método de historicizar a questão da reforma ou revolução na tradição do movimento operário procura evitar dois erros

¹ Até 1890, os seguros sociais eram praticamente inexistentes, com a exceção da Alemanha, onde 66% e 32% da população trabalhadora eram cobertas, respectivamente, por seguro contra acidente e seguro contra doença. Cf. a obra citada de Marcel van der Linden.

metodológicos frequentes que são cometidos na explicação da gênese do reformismo.

O primeiro deles seria o de entender a adesão ao nacionalismo em 1914 como uma ruptura com toda a tradição da II Internacional. A concentração da análise nesta ruptura, por sua vez, evidenciaria em um primeiro plano a responsabilidade da traição aos interesses históricos do proletariado cometida pela direção dos primeiros partidos da II Internacional.

Esta explicação da gênese do reformismo, partilhada em geral pelos fundadores da III Internacional, capta, sem dúvida, uma parte importante da realidade. O elemento de ruptura em 1914 é tão forte que levou à dissolução da II Internacional. Embora num curso crescentemente reformista mais real do que visível, a direção dos principais partidos da II Internacional nunca havia de fato tomado uma posição de tal ampla adesão às respectivas burguesias nacionais.

Mas esta explicação é redutora em dois aspectos chaves. Em primeiro lugar, não pesquisa as raízes culturais e econômicas do processo histórico de integração das super-estruturas organizacionais e das próprias classes trabalhadoras destes países pela ordem capitalista e acaba tomando a ideologia oficial da II Internacional, o seu apego doutrinário ao marxismo e à revolução, como expressão de sua verdadeira prática política. Em segundo lugar, não valoriza a inserção social das direções reformistas, o fato de que refletiam em alguma medida a consciência das massas que representavam já que, na maioria dos países, permaneceram majoritárias na classe trabalhadora após a ruptura.

O segundo erro é exatamente o inverso: o de focar os

aspectos estruturais sócio-econômicos do processo de integração da classe trabalhadora, desvalorizando ou até mesmo eliminando os aspectos subjetivos e de ruptura no processo.² Este enfoque acaba por ganhar uma conotação fatalista, algo assim como um escrever a história a partir do final. Ao não incorporar o choque entre os elementos de integração e ruptura da ordem capitalista, este tipo de análise não capta a tensão subjetiva dramática do processo vivido pela social-democracia nestes anos.

Assim, a comparação do PT com os partidos da II Internacional permite, com todo o discernimento que o distanciamento histórico pode fornecer, identificar elementos ou combinações de elementos de cultura partidária e de realidades sócio-econômicas que jogam para uma integração reformista destes partidos ou exacerbam sua dinâmica revolucionária.

Como estes elementos aparecem combinados de diferentes maneiras e em diversos graus nos partidos da II Internacional - de acordo com a sua raiz nacional e conduzindo, evidentemente, a várias resultantes - o estudo comparativo tem que eleger entre eles.

Optamos por dois destes partidos: o PSDA, nascido em 1875 com a fusão das correntes lassaliana e de influência marxista no Congresso de Gotha; o PSI, nascido tardiamente em 1892, no Congresso de Gênova.

Há várias razões para esta escolha. Tanto a Alemanha como a

² É, por exemplo, o ponto de vista de Adam Przeworski em Capitalismo e Social Democracia. Este, apoiando-se entre outros argumentos, na clássica análise de Robert Michels, defende a idéia da inevitabilidade da integração à ordem à medida em que os partidos social-democratas ingressaram na arena da disputa eleitoral.

Itália foram países que conquistaram tardiamente a sua unidade nacional e experimentaram, em graus e ritmos diversos, um desenvolvimento capitalista importante no período que estamos estudando. Em ambos os países, o Estado cumpriu um papel importante neste processo tardio de industrialização, bloqueando a formação de um liberalismo burguês autêntico. Tanto o PSDA quanto o PSI alcançaram enorme enraizamento na classe trabalhadora e na luta de classes, sendo agitados por violentas tensões e disputas internas.

São experiências de partidos, enfim, que vicejaram em sociedades intermediárias entre o "polo inglês" e o "polo russo". Isto é, em sociedades cujas classes dominantes se não foram capazes de inibir o surgimento de um movimento operário forte e com aspirações socialistas, conseguiram pelo caminho da integração ou da força evitar uma ruptura revolucionária.

Realizaremos o estudo comparativo através de seis itens: economia e sociedade, relação com a institucionalidade e com os partidos burgueses, ideologia e programa, relação entre partidos e sindicatos, organização e democracia partidárias, dinâmica e correlação de forças entre as tendências partidárias. Após a comparação por itens, articularemos uma conclusão comparativa de conjunto.

Economia e Sociedade

O período que vai de 1880 a 1914 - quando nasce e toma corpo a experiência da II Internacional - é marcado por uma onda longa de internacionalização, expansão e concentração do capital. É

neste marco expansivo do capitalismo que assentam-se as raízes materiais do processo de integração do movimento operário na ordem capitalista.

O projeto reformista

"não é nem um efeito do acaso, nem um pecado, nem um descuido, nem a traição de indivíduos isolados, mas o produto social de toda uma época histórica".³

O quadro da expansão capitalista tinha muitos significados: a idéia positivista de uma marcha incessante rumo ao progresso, o fortalecimento do horizonte ideológico do capitalismo, a possibilidade de um desenvolvimento extensivo das organizações do movimento operário na luta por reformas, enfim, uma pressão no sentido do questionamento e da adaptação à ordem do marxismo revolucionário.

É, no entanto, mais preciso afirmar que a II Internacional é mais a expressão das contradições geradas pela expansão capitalista do que propriamente é uma decorrência ou reflexo mecânico desta expansão. Nem os Estados Unidos, nem a Inglaterra, países de forte expansão capitalista - viram nascer e vicejar partidos com as características próprias da II Internacional.

São precisamente estas contradições que pretendemos analisar comparativamente aqui.

Em primeiro lugar, a expansão capitalista não é linear mas cíclica. O registro das crises de super-produção no período marca como datas, a partir de seu início no país líder, a Inglaterra, os anos de 1882, 1891, 1900, 1907 e 1913. O intervalo que vai de 1880 a meados de 1890 é marcado por uma certa estagnação capitalista,

³ Lenin, Vladimir - A Falência da II Internacional.

que vai alimentar na ortodoxia da II Internacional as ilusões e expectativas acerca de uma ruína próxima do sistema. A retomada vigorosa da expansão capitalista em meados da década de 90 até 1907-1908 formam, por sua vez, o caldo de cultura do empreendimento reformista. Na Alemanha, a produção industrial tem um aumento de 45% entre 1893 e 1902, o maior crescimento em comparação com qualquer ciclo industrial desde os anos setenta. Por sua vez, a crise de super-produção de 1907-1908, com seus efeitos prolongados até as vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial, marca um período de tensão e radicalização da luta de classes.

Em segundo lugar, trata-se de diferenciar a inserção dos diferentes países no mercado capitalista mundial. Essa diferença é marcante no caso da Alemanha e da Itália. A primeira é uma potência imperialista emergente; a Itália, que viu o surgimento da fábrica moderna apenas na primeira década do século XX, terá seu processo de desenvolvimento capitalista contido no período pela concorrência internacional. É uma dimensão decisiva: o nacionalismo alemão foi, por excelência, a ideologia através da qual a ordem capitalista integrou a maior parte da social-democracia. A ideologia nacionalista teve um impacto menor sobre a evolução do PSI, que foi o único dos grandes partidos da II Internacional, ao lado do Partido Operário Social-Democrata Russo, a não se engajar no esforço de guerra.

Um terceiro fator comparativo: esta inserção distinta no mercado mundial foi acompanhada de forte defasagem de potência capitalista entre os dois países.

A tabela seguinte indica esta defasagem:

Volume per capita da produção industrial (Reino Unido) (1900 = 100)			
	1800	1860	1913
Grã-Bretanha	16	64	115
Alemanha	8	15	85
Itália	8	10	26

Fonte: Paul Baroch, "International Industrialization levels from 1750 a 1980", Journal of European Economic History, vol. 11, nº 2, Primavera de 1982, pág. 281.

Esta defasagem no grau de desenvolvimento capitalista tem derivações sociológicas evidentes.

O peso do proletariado em um país e outro é distinto. De acordo com Ugo Fedelli, em 1905, havia 30 operários para cada 100 habitantes na Alemanha e apenas 8 na Itália para a mesma proporção.⁴

Há outras consequências sociológicas tão importantes quanto essa. O grau de fixação das classes sociais na estrutura produtiva é muito menor na Itália do que na Alemanha. No primeiro país, existe uma larga parcela da população, deslocada pela modernização na agricultura, que de fato não é absorvida pelas novas indústrias.

Os desequilíbrios realimentados pela expansão capitalista na Itália provocariam a emergência da questão agrária de uma forma bem mais forte do que na Alemanha. Na maioria dos países europeus, no período, o sindicalismo foi quase exclusivamente um fenômeno urbano; na Itália, o movimento dos trabalhadores rurais sempre foi muito mais ativo, embora com diferenciações regionais profundas e nem sempre dirigidos pela social-democracia. Em *A Questão Agrária*,

⁴ Cf. Dias, Edmundo Fernandes - "Do Giolittismo à Guerra Mundial", mimeo, p. 15.

de 1899. Kautsky já assinalava que os trabalhadores assalariados compunham a maior parte da população trabalhadora rural na Alemanha.

Por fim, um elemento comparativo decisivo: até que ponto a expansão capitalista nestes países foi capaz de propiciar melhorias significativas no nível de vida das massas trabalhadoras, abrindo para elas o horizonte da realização de aspirações econômicas básicas no interior do sistema?

Os cálculos disponíveis indicam que não houve um contínuo aumento dos salários nos dois países no período que vai até 1914. Em particular, os salários parecem ter estagnado ou mesmo caído a partir de 1900.⁵ Na Itália, a situação parece mais clara no sentido da deterioração das condições de vida a partir da crise dos anos 1907-1908. Assim, no que diz respeito ao consumo é muito difícil falar que tenha havido um processo de integração maior dos trabalhadores ao mercado, isto é, uma sintonia entre crescimento capitalista e bem-estar dos trabalhadores.

Apenas esta informação já nos levaria a relativizar a explicação que elege a formação de uma "aristocracia operária" como sendo a raiz do reformismo na social-democracia. A obtenção de "privilégios" materiais para certos setores da classe trabalhadora não parece ter solidez para ser eleito como fator explicativo determinante de uma acomodação ao capitalismo em um período de crises cíclicas e de estagnação ou deterioração dos salários. A jornada de trabalho semanal, por sua vez, era bastante

⁵ Segundo Carl von Tyszka e G. Buy, citados por Bo Gustafsson em *Marxismo y Revisionismo*, os salários reais na Alemanha teriam respectivamente diminuído entre 5 e 20% entre 1900 e 1910 ou permanecido estagnados.

elevada nos principais ramos da economia alemã (59 horas na construção, 56,15 no setor marceneiro e 62,45 no setor de maquinaria)⁶ no início do século. Por outro lado, os trabalhadores dos setores de ponta da economia eram em geral os mais combativos. Na Itália, em particular, o setor mais revolucionário do proletariado era o de Turim, sede da moderna indústria do país.

Estabeleçamos agora algumas comparações com a relação entre o capitalismo brasileiro e a classe trabalhadora no período da fundação e crescimento do PT.

Quando o PT foi criado em 1980, já existia no país a memória de um largo processo de desenvolvimento capitalista. Se desde 1930, prevalece uma orientação no interior do Estado no sentido de criar as condições ótimas para a industrialização, se já na década de cinquenta a população urbana supera a rural e a indústria alcança vantagem em relação à agricultura na formação do Produto Interno Bruto, o país havia conhecido uma taxa média elevadíssima de crescimento anual da ordem de 7,1% no período que vai de 1947/1980.⁷ O capitalismo quando o PT nasce não apenas havia já se estabelecido como modo de produção dominante, como também havia já construído uma forte centralização de corte monopolístico, baseado no grande capital industrial (nacional e estrangeiro), bancário e agrário.

Este nascimento tardio do PT é um fato importante. Há uma

⁶ Gustafson, Bo - *op. cit.*, p. 41.

⁷ Serra, José - "Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra", trabalho apresentado ao Seminário sobre Políticas para o Desenvolvimento Latinamericano do Cecade, México, 1981.

certa correlação temporal entre desenvolvimento capitalista e social-democracia européia, que é mais intensa ainda no caso italiano. Podemos supor que ali onde o nascimento da organização política independente dos trabalhadores ocorreu em um momento simultâneo às primeiras ondas de expansão capitalista, em que as relações de produção capitalista passam ainda por um momento de cristalização, ela potencialmente pode ter uma projeção mais subversiva em relação ao próprio sistema. É importante inclusive verificar que no casos alemão e italiano, as organizações sindicais do patronato e mesmo os partidos burgueses no sentido moderno nascem em reação à contestação operária.

Um segundo marco comparativo importante neste item é o da inserção do capitalismo brasileiro no mercado mundial, isto é, o seu caráter dependente. Há todo um debate sobre a natureza de "fronteira" desta inserção: o grau de industrialização (inclusive com uma certa internalização do setor de bens de capital), a pauta de exportação em que predominam os produtos manufaturados, a modernização agrícola, a formação de um capital financeiro autônomo, tudo isso conferiria ao Brasil uma situação limite neste estado de dependência. Este, entendido em um sentido dinâmico, teria se renovado no estágio alcançado pelo capitalismo brasileiro através da dívida externa, do distanciamento da fronteira tecnológica vigente nos países capitalistas centrais, do controle de setores de ponta da indústria por multinacionais.⁸

O que importa aqui, porém, é captar desta situação particular

8

Uma interessante sistematização deste debate pode ser encontrada no livro *A foice e o robô: Inovações tecnológicas e luta operária*, de Eduardo Albuquerque, Ed. Página 7.

de dependência efeitos sobre o potencial de integração do capitalismo brasileiro.

A principal inferência é o caráter problemático do nacionalismo como ideologia integradora no caso brasileiro. A via de soldar os interesses das classes dominantes com a consciência das classes populares através do apelo ao nacionalismo foi o grande instrumento de integração no caso do PSDA. No caso italiano, o nacionalismo, refletindo a inserção marginal do capitalismo daquele país na ordem capitalista internacional, não cumpriria este papel integrador ativo da social-democracia. Mas, acabaria sendo, o eixo de aglutinação de uma solução da crise nacional através do fascismo emergente.

Aqui a derrota histórica do populismo em 1934, a profunda internacionalização das classes dominantes fazem com que a ideologia nacionalista perca a capacidade de expressar os interesses de expansão do capitalismo brasileiro, subordinando ideologicamente ao mesmo tempo a classe trabalhadora.

O terceiro elemento comparativo diz respeito à formação das classes sociais.

Em função da fase hiper-tardia do desenvolvimento capitalista no Brasil, a formação do proletariado - entendido como composto por todos aqueles que vendem a sua força de trabalho no mercado - ocorre incorporando características diferentes daquelas do proletariado europeu do início do século. Diferenças estruturais que imporão condicionamentos diversos à ação política dos partidos com base proletária.

A primeira diferença refere-se à participação porcentual do proletariado industrial em relação ao conjunto dos trabalhadores.

No caso brasileiro, o proletariado industrial atingiu um teto de 24,4%, com tendência a declinar ao longo da década de existência do PT em detrimento do proletariado do setor de serviços. Como este último possui em geral um grau qualitativamente menor de coesão social, isto é, incorpora em geral um grau qualitativamente maior de diferenciação, podemos afirmar como *tendência* que o caráter classista da representação política do proletariado no caso brasileiro será menos direto, menos naturalista do que ocorreu para a social-democracia européia nas suas origens. Em outras palavras: o proletariado brasileiro apresenta, em seu interior, graus muito diferentes de integração na ordem capitalista, apresenta-se como classe muito mais segmentada, dividida tanto do ponto de vista econômico como cultural.

Uma segunda diferença refere-se ao peso do mercado do trabalho informal no caso brasileiro. No período de existência do PT, a tendência foi sempre a do crescimento do mercado de trabalho informal em função da diminuição forte do ritmo de crescimento da economia.⁹ A ausência de emprego estável para uma larga parcela da população economicamente ativa fornece à estrutura de classes um grau fluido de fixação, à diferença do caso italiano, onde tal fenômeno está ligado diretamente ao próprio processo inicial de formação do capitalismo. De novo, trata-se de uma característica sociológica estrutural que tem implicações negativas para a construção de uma representação política classista. De fato, para esses setores do mercado informal em geral não chega o enraizamento de uma estrutura sindical ao mesmo tempo em que

⁹

A taxa de crescimento do PIB brasileiro no período 1971/1980 foi de 130%. No período 1981/88, essa taxa atingiu 21%.

permanecem menos sensíveis ao apelo classista no plano eleitoral.

A estrutura social agrária no Brasil, da mesma forma que na Alemanha e na Itália, nas primeiras décadas do século, incorpora a diferenciação entre setores já integrados a uma produção de corte capitalista como assalariados e outros vivendo ainda sob as condições tradicionais do mundo camponês. O peso do problema agrário e a sua inserção no mundo político do proletariado no caso brasileiro ocupa uma posição intermediária entre a situação alemã (onde jogava um papel de destaque apenas no Sul) e a situação italiana (onde a forte incidência da "questão meridional" somava-se ao movimento de trabalhadores rurais das regiões central e norte do país).

Um quarto e último elemento da comparação neste item é o processo de integração das classes trabalhadoras no mercado capitalista.

Este elemento deve ser analisado sob dois ângulos: o estrutural e o tendencial.

Do ponto de vista estrutural, o fundamental aqui é traçar os contornos da profunda divisão no seio das classes trabalhadoras no que diz respeito ao acesso ao consumo. Tomando como linha

divisória o salário mínimo, temos a seguinte divisão:

*Pessoas de 10 anos ou mais segundo as
classes de rendimento mensal (%) - Brasil 1986*

<i>Classes de rendimento mensal</i>	
até 1/2 sal. mín.	7,54
mais de 1/2 sal. mín.	11,85
mais de 1 a 2 sal. mín.	13,82
mais de 2 a 3 sal. mín.	7,32
mais de 3 a 5 sal. mín.	8,40
mais de 5 a 10 sal. mín.	5,84
mais de 10 a 20 sal. mín.	2,65
mais de 20 sal. mín.	1,27
sem rendimentos	40,98
sem declaração	0,33
Total	100,00

Fonte: IBGE

Deste quadro, podemos concluir que existe uma parcela de 74% da classe trabalhadora com precária inserção no mercado de consumo e 4% que desfrutam de um relativamente elevado padrão de consumo. Uma faixa intermediária de 22% oscila entre os dois níveis.¹⁰

Do ponto de vista tendencial, a década vivida pelo PT está claramente inclinada para baixo no que diz respeito à média dos salários. Como houve no período um processo de concentração da renda, podemos inferir que esta queda dos salários foi sentida com mais peso pelos trabalhadores de menor renda. Este sentimento de perda de posições no mercado está configurado mesmo nos setores mais modernos da classe operária, como os metalúrgicos do ABC.¹¹

¹⁰ Tomamos o limite dos dois salários-mínimos para definir um padrão precário de inserção do mercado, tendo em vista a defasagem do poder nominal do salário-mínimo.

¹¹ Este sentimento de perda de posições no mercado de consumo já estava presente na consciência dos metalúrgicos do ABC no período das grandes greves de 1978/1980. Ver John Humphrey, *Fazendo o milagre - controle capitalista e luta operária na indústria automobilística brasileira*.

Alargando o horizonte comparativo para itens que compõem as condições de vida em geral - jornada de trabalho, acesso à educação e à saúde, direitos previdenciários - a tendência na década também é declinante ou estagnada.

Estado e regime político

A relação com o Estado é um item fundamental para o estudo das tendências de integração do movimento político dos trabalhadores.

Estudaremos esta relação sob quatro ângulos: o da capacidade de auto-reforma dos Estados sob pressão dos movimentos operários, o grau de inserção institucional dos partidos considerados, a postura frente às Forças Armadas, a postura frente às outras correntes políticas burguesas.

Este primeiro ângulo comparativo analisa a capacidade das classes dominantes criarem um campo institucional de disputa legitimado e de absorverem demandas sociais dos trabalhadores.

O caso alemão é, nesse sentido, um exemplo de um Estado "fechado" que abre as portas mas mantém o círculo do poder inacessível à disputa. Desde 1871, o sufrágio eleitoral masculino foi implantado: 81,2% dos homens na idade de votar, definida pela lei, estavam habilitados a votar. Até 1910, o mesmo índice na Inglaterra era de 62,6%. Porém, em vários distritos, inclusive na Prússia, a proporcionalidade era violentamente deformada pelo chamado "sistema das três classes"¹² e, mais importante, o Reichstag tinha pouquíssimos poderes (era, na realidade um semi-

¹² Sistema eleitoral de acordo com o qual os votos eram valorados diferente segundo a renda recebida pelo votante.

parlamento). Se desde 1890 - quando são extintas as chamadas "leis anti-socialistas" que, durante doze anos, impuseram severas restrições à liberdade de organização e de expressão da social-democracia, o PSDA foi ampliando o campo de sua atividade pública, esta liberalização chocou-se cada vez mais com o processo de militarização em curso a partir de meados da primeira década do século.

Foi na Alemanha também que se verificou um estágio mais avançado de introdução de elementos de proteção social (seguro contra acidente, doença e aposentadoria), exatamente como meio de procurar neutralizar a influência social-democrata nos setores especializados da classe trabalhadora.

A Itália é um caso típico de um Estado, que sob a pressão do movimento operário, movimenta-se contraditoriamente entre a liberalização e o fechamento, em uma crise latente de regime que vai se manifestar abertamente no final da segunda década. Os dois pontos extremos destes movimentos são os governos abertamente repressivos de Crispi e Pelloux na década de 90 e a "abertura" de Giolitti em 1912, que na sua campanha para obter o apoio para a guerra contra a Líbia, promoveu uma grande reforma eleitoral: ampliou-se o número de homens habilitados a votar de 32,7% para 90,8%. A proporcionalidade da representação parlamentar, no entanto, seria apenas alcançada em 1920.¹³

A contradição existente entre a vigência de um regime de caráter parlamentarista e a ausência de partidos burgueses

¹³ Até então, o voto era majoritário, o que garantia em geral, de acordo com a região, a vitória dos partidos da ordem contra os socialistas.

estáveis fez com que houvesse alianças diretas entre os setores liberais das classes dominantes e o PSI de 1901 a 1906 e de 1908 a 1910.¹⁴ O transformismo italiano, este processo de "revolução passiva", impôs-se não apenas como horizonte político por um período mas chegou mesmo a subordinar diretamente o Partido Socialista na chamada "época de ouro" do reformismo. Esta aliança direta não pôde, porém, estabilizar-se na ausência de uma "esquerda democrática" no campo das classes dominantes.

A presença da institucionalidade é mais forte no caso italiano do que no alemão já que o PSI, ao contrário do PSDA, chegou a ter acesso a parcelas importantes do poder estatal. Em 1914, o PSI administrava já cerca de 400 municipalidades, entre elas as importantes cidades de Milão e Bolonha.

Ao contrário da Alemanha, no entanto, o Estado italiano não incorporou senão muito marginalmente as reivindicações de direitos sociais no período estudado.

Em resumo: o Estado alemão, mais forte, mais estável, mais rígido e, por isso mesmo, capaz de condicionar o horizonte mas não cooptar diretamente o PSDA através da institucionalidade; o Estado italiano, mais fraco, mas instável, mas muito mais permeável e, portanto, capaz de cooptar diretamente por períodos mas, ao mesmo tempo, incapaz de afirmar-se como horizonte institucional para os trabalhadores.

¹⁴ Giolitti chegaria a dizer neste contexto que "Karl Marx foi posto de lado".

A tabela abaixo mostra a progressão eleitoral do PSDA e do PSI, da fundação à eclosão da 1ª Guerra Mundial.

Votos social-democratas como percentagem do eleitorado total

	Alemanha	Itália
1877	5,5	
1878	4,8	
1881	3,4	
1884	5,9	
1887	7,8	
1890	14,1	
1893	16,8	
1895		3,9
1897		5,1
1898	18,4	
1900		7,3
1903	24,0	
1904		12,8
1907	24,4	
1909		11,9
1912	29,4	
1913		13,6
1920		30,7

Fônte: Marcel van der Linden, *op. cit.*

O quadro é interessante por duas razões. Em primeiro lugar, mostra a linha eleitoral ascendente dos dois partidos, o que reforçava a convicção da inexorabilidade de uma futura maioria parlamentar social-democrata. Os dois períodos de relativa estagnação eleitoral do PSDA - de 1874 a 1884 e de 1903 a 1907 - correspondem respectivamente ao primeiro período de vigência das "leis anti-socialistas" e à ofensiva nacionalista das classes dominantes alemães temporariamente unificadas no "Bulow-Block".¹⁵ O período de ligeira regressão eleitoral do PSI - de 1904 a 1909 - corresponde à crise partidária, fruto da aliança com Giolitti

¹⁵ Gabinete de coalizão entre conservadores e liberais, organizado em torno de von Bulow, que forçou um relativo isolamento político da social-democracia de 1906 a 1909.

imprimida pela ala reformista, então na direção do partido.

Em segundo lugar, dá a noção da formação de uma tradição eleitoral, da conformação das atitudes e perspectivas de toda uma geração de socialistas a uma perspectiva legalista: antes de 1914, a social-democracia alemã tinha atrás de si quase quarenta anos de prática parlamentar¹⁶; antes dos anos do "biênio vermelho", o PSI havia desfrutado de quase trinta anos de prática parlamentar. Pode-se assinalar que esta tradição parlamentarista cumpriu um papel importante no processo de integração ou amortecimento das potencialidades subversivas dos dois partidos.

A relação dos partidos com as Forças Armadas dos respectivos países esclarece a postura deles diante das zonas interditas pelo Estado burguês.¹⁷

Embora tenha cultivado sempre uma tradição anti-militarista - cada vez mais retórica à medida em que aumentava a pressão do nacionalismo - o PSDA renunciou conscientemente a um trabalho de agitação nas Forças Armadas. Em um discurso no Reichstag em 1898, August Bebel, presidente do partido, chegou mesmo a afirmar que dissociar-se-ia pessoalmente de qualquer campanha neste sentido eventualmente conduzida por militantes da social-democracia. Esta

16

É interessante observar que durante o período excepcional de vigência das leis "anti-socialistas", o Congresso do PSDA realizado no exílio (Copenhague, 1883) havia aprovado uma moção que declarava a "não ilusão sobre a realização de seus objetivos por métodos parlamentares". Esta moção, no entanto, estaria cada vez menos presente na consciência média dos quadros partidários nos anos de desenvolvimento eleitoral após a abolição das leis anti-socialistas.

17

De forma contrastante, a social-democracia russa chegou a organizar 27 grupos no Exército em 1905, enquanto havia mais do dobro desta cifra de células partidárias voltadas para a agitação revolucionária entre as tropas. Citado por J. H. L. Keep, *The rise of social-democrats in Russia*.

postura traduzia, de fato, a preocupação em resguardar o estatuto legal do partido, de preservá-lo de atividades ou discursos que dessem margem a uma nova ofensiva das "leis anti-socialistas". Desde meados da primeira década até a eclosão da 1ª Guerra Mundial, a esquerda bastante minoritária no partido, com as figuras excepcionais de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, procurou quebrar o gelo da zona interdita através de intensa atividade de propaganda anti-militarista dirigida à juventude. Esta atividade não encontraria eco nos Congressos e seria sufocada no plano organizativo pela direção do PSDA.¹⁸

A abstenção do PSI neste campo é ainda mais notável devido aos sinais fortes de perda de coesão do Exército italiano nas conjunturas críticas da segunda década. A fórmula "nem aderir, nem sabotar" adotada durante a 1ª Guerra Mundial traduz bem a decisão da direção do PSI em não transpor a linha quente que separava a oposição passiva à guerra de um trabalho revolucionário a partir das contradições por ela geradas.

A relação mantida pelos partidos social-democratas com as formações burguesas liberais é um indicador da alteridade, do distanciamento e grau de oposição à ordem.

A independência de classe constituiu-se no grande meio de resistência à integração na história da social-democracia alemã,

18

Uma moção anti-militarista ofensiva apresentada por Karl Liebknecht ao Congresso de Bremen em 1904 foi amplamente derrotada. Em 1907, um discurso do deputado social-democrata Noske no Reichstag, em polêmica com a acusação de anti-patriorismo atribuída à social-democracia, seria até mesmo saudado pelo ministro da Defesa. A organização de jovens do PSDA, que concentravam o trabalho anti-militarista da esquerda do partido, sofreu uma forte intervenção da direção executiva nacional.

resistência que era alimentada pelo forte conservadorismo das classes dominantes. A exceção da Baviera, onde o grau de industrialização era menor, criou-se uma forte tradição de antagonismo com os partidos burgueses. A proposição de uma aliança com os liberais, no contexto de uma estratégia nitidamente reformista, foi amplamente rejeitada nos Congressos de 1899 e de 1903. Um acordo eleitoral com os "progressistas" foi feito apenas em 1912, após vários anos de consolidação das posições reformistas no interior do partido e, mesmo assim, de caráter secreto e válido para alguns distritos, encontrando forte resistência da base partidária educada na tradição de independência de classe.

O PSI tem uma trajetória bastante diversa: o processo de delimitação em relação aos liberais só tomaria forma após a derrota das correntes estrategicamente reformistas no Congresso de Reggio-Emilia, em 1912, após o fracasso das tentativas de constituição de um bloco com setores das classes dominantes. O PSI, nascido em um ambiente de forte ecletismo, pressionado sempre pelo radicalismo republicano de personalidades políticas que vicejavam no norte industrializado, abalado pelas primeiras experiências frustradas de conciliação de classes no período giolittiano, envolvido em um confuso e baralhado processo de diferenciação nos anos tumultuados da guerra, não conformaria um campo histórico de independência de classe tão nítido como o PSDA.

Estas observações analíticas fornecem a base para uma comparação com a trajetória do PT.

O primeiro plano comparativo é a noção de que o PT lida com uma ordem política em um processo de auto-reforma muito mais amplo

do que o verificado nos casos alemão e italiano nas duas primeiras décadas do século. A pressão integradora da ordem institucional é, por isso, muito mais forte.

Isto pode ser verificado em três momentos distintos. O nascimento: o PT, ao contrário dos dois partidos social-democratas comparados, já nasce com um dos pés dentro da ordem, como partido legal, que segue ao menos formalmente os requisitos estabelecidos pela Lei Orgânica dos Partidos imposta pelo regime militar. As pressões do posicionamento frente aos dois episódios decisivos da transição conservadora: o PT viu-se fortemente pressionado para posicionar-se no interior do Colégio Eleitoral quando da sucessão presidencial de 1984 e para votar sim quando da aprovação da nova Constituição em 1988. A posição de boicote ao Colégio Eleitoral e de votar não diante da nova Constituição foi tomada apenas após grandes polêmicas e são marcos na construção do campo de independência de classe do partido.¹⁹

O terceiro momento: o PT como o PSI e ao contrário do PSDA, assumiu importantes responsabilidades administrativas no interior da ordem principalmente a partir das eleições municipais de 1988. É evidente que esta gestão de cidades importantes representa, por

19

O posicionamento frente à proposta de uma candidatura única das oposições, cujo desdobramento natural seria o apoio a um candidato na disputa do Colégio Eleitoral, dividiu em um igual número de votos a deliberação do Diretório Nacional do PT realizada em agosto de 1984. Com a ampliação dos debates nas estruturas partidárias formou-se uma significativa maioria, no momento seguinte, favorável ao boicote do Colégio Eleitoral.

O posicionamento do voto não diante da nova Constituição foi aprovado por maioria no Diretório Nacional do PT. É significativo que a maioria dos deputados federais do PT, inclusive Lula, era a favor do voto sim com restrições ao novo texto constitucional.

si só, uma forte pressão permanente para a integração na ordem.

O quadro a seguir mostra a evolução da média nacional de votação do PT desde a sua fundação.

*Percentual de votação do PT em relação
ao eleitorado brasileiro*

1982	3,3%
1986	6,0%
1988	10,0%
1989	16,0%
1990	10,0% (*)

Fonte: Em Tempo.

O que o quadro evidencia, em comparação com aquele outro apresentado sobre a evolução eleitoral da social-democracia italiana e alemã da sua origem a 1914, é o ritmo veloz, aos saltos do crescimento eleitoral do PT. Penetrando em uma ordem aberta à disputa eleitoral, com os partidos da ordem em uma crise crônica, o PT viu-se impulsionado em uma dinâmica de colher votos muito além da sua influência orgânica direta.

Do ponto de vista da integração na ordem, tal característica é contraditória: de um lado, o ritmo veloz da ascensão eleitoral provoca desequilíbrios políticos e orgânicos fortes na estrutura partidária, entre o enraizamento social do partido e seus vínculos institucionais; de outro, a própria ascensão eleitoral do partido, em um período, em que não se formou como no caso alemão ou italiano, uma tradição parlamentarista exerce um efeito desestabilizador sobre a ordem.

O PT, como o PSDA e o PSI, não criou uma tradição partidária de trabalho nas Forças Armadas. A questão militar foi enfrentada pelo PT apenas em sua dimensão democrática geral, isto é, através

da luta contra o regime militar e, depois, durante a transição conservadora, através da crítica à manutenção dos mecanismos e leis de tutela militar sobre o Estado e a sociedade. O programa democrático-popular da frente dirigida pelo PT à presidência da República afirmava as seguintes propostas:

"1. Apresentação de um projeto de Emenda à Constituição, buscando a redefinição das Forças Armadas no sentido de subordiná-las de fato ao poder civil, representado pela Presidência da República, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal. As Forças Armadas devem cuidar da defesa externa, ficando vedado o seu emprego na repressão a greves e mobilizações populares.

"2. Desmilitarização da administração pública, com adoção de novos critérios para criação e ocupação de cargos na esfera civil. Extinção do Conselho de Defesa Nacional e do Serviço Nacional de Informação.

"3. Criação do Ministério da Defesa, como parte de uma nova concepção estratégica, moderna e adequada às necessidades do país. O novo organismo substituirá no primeiro escalão do governo os atuais ministérios militares.

"4. Mudanças na atual sistemática de formação militar, hoje apoiada em currículo conservador, corporativista e antidemocrático. Separação da formação de caráter geral da formação profissional.

"5. Início de uma ampla discussão, envolvendo as próprias Forças Armadas, governo, Congresso Nacional e toda a sociedade para a redefinição dos grandes projetos militares, incluindo-se aí a indústria bélica, o programa nuclear, o Calha Norte e a Missão Espacial."

Por fim, o tema da independência de classe. Pode-se afirmar que a tradição de independência de classe é muito mais forte no PT do que no caso italiano. Essa tradição foi construída em duas dimensões: com a criação de um campo de disputa eleitoral próprio dos trabalhadores, demarcado e oposto aos vários partidos burgueses; com a construção da CUT e a negação de se firmar um pacto social, que corresponderia à auto-limitação das atividades do movimento sindical durante a transição.

O tema das alianças a serem realizados pelos trabalhadores no plano estratégico apenas foi tratado no V Encontro Nacional do partido e na sua dimensão de construção da hegemonia.²⁰

Podemos afirmar que a manutenção da independência de classe tem sido o grande fator de resistência do PT às pressões de integração na ordem. Em uma sociedade com contradições tão violentas como a brasileira, em que a hegemonia burguesa é frágil e a ordem política instável, este elemento tem sido por si só um forte elemento subversivo.

Ideologia e programa

Neste item, procuraremos responder às seguintes perguntas: em que medida os partidos que comparamos conseguiram criar, do ponto de vista programático e ideológico, um campo hegemônico oposto e alternativo à ordem burguesa? É um item fundamental que coloca em relevo o aspecto subjetivo da experiência destes partidos, a sua construção enquanto vontade coletiva na história, retirando dela qualquer viés determinista.

Desdobraremos este questionamento em quatro sub-ítems: o internacionalismo proletário oposto à idéia da Nação, enquanto noção que subordina os conflitos de classe à ordem dominante; o

²⁰ O V Encontro Nacional estabeleceu uma diferenciação entre a construção de uma frente única classista (compreendida como a unidade entre os partidos que se reivindicam comunistas, socialistas e de trabalhadores), a frente democrática e popular (entendida como a aliança estratégica dos trabalhadores com os setores pequeno-burgueses e suas representações políticas) e as alianças táticas nas lutas, de caráter efêmero e localizado. A resolução aprovada excluiu a aliança estratégica com setores burgueses.

Estado burguês enquanto horizonte de disputa política dos trabalhadores; a ordem capitalista enquanto marco limite da luta econômica dos trabalhadores; a criação de novos valores culturais e morais opostos aos vigentes no sistema capitalista. E estudaremos estes sub-ítems na trajetória histórica de cada um dos partidos, construindo referências comparativas.

O PSDA tem na sua fundação no Congresso de Gotha, em 1875, uma componente eclética derivada da fusão da corrente influenciada por Ferdinand Lassale e daquela fundada no Congresso de Eisenach, influenciada pelo marxismo. Em sua famosa crítica ao Programa de Gotha, Marx identificaria as marcas lassalianas em seu texto: inconsistência na caracterização do capitalismo e das classes sociais, utopias distributivistas e ambiguidades de fundo nas formulações sobre o Estado.

O programa aprovado no Congresso de Erfurt, em 1891, é um marco tanto para a história do PSDA como para a II Internacional já que se tornaria uma pedra angular na ortodoxia social-democrata. Composto de duas peças justapostas, um programa máximo escrito por Karl Kautsky e um programa mínimo escrito por Edouard Bernstein, ele não resolve o problema do caminho para o poder e projeta a passagem da luta cotidiana por reformas para a revolução para um futuro indeterminado. O Programa de Erfurt, em seu paralelismo entre a sua pretensão doutrinária ao socialismo e o apego ao chão terreno das reformas, era uma peça de equilíbrio e unidade, de centro do PSDA. Todo o debate programático e estratégico, que vai ser travado no PSDA até 1914 pode ser entendido como pressões à direita e à esquerda a esse "centrismo" do Programa de Erfurt.

A crítica de sentido reformista ao Programa de Erfurt vai ser melhor explicitada justamente por Edouard Bernstein na década de 1890, que através de uma polêmica tipicamente revisionista dos fundamentos do marxismo, procurará desenvolver uma estratégia de transformação progressiva e gradual via a democratização do Estado e do capital.

A posição de centro no PSDA seria encarnada de forma exemplar por Kautsky através de uma visão determinista da história, que vê o advento do socialismo como resultado inelutável da evolução das contradições da própria ordem capitalista e a progressiva conquista de uma maioria eleitoral pela social-democracia.

A esquerda, representada de forma mais expressiva por Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Anton Pannekoek, procuraria desbordar o Programa de Erfurt em um sentido revolucionário. Daí a crítica às evidências de integração da social-democracia à ordem, localizadas no nacionalismo, parlamentarismo e economicismo sindical, e a proposição de deslocamento do eixo de gravidade do movimento do plano institucional para a luta de massas, subordinando a luta pelas reformas a uma estratégia de ruptura da ordem.

A trajetória de integração da social-democracia seria marcada pela ampla derrota das posições da esquerda principalmente a partir de 1906, pelo deslocamento do centro partidário para posições cada vez mais próximas ao reformismo e, enfim, pela conquista do aparelho partidário pelos setores reformistas.

É no interior desta trajetória que devemos compreender a evolução das posições do PSDA em relação aos quatro sub-ítemos acima citados.

O nacionalismo foi o grande veio de integração ideológica da social-democracia alemã à ordem. A passagem da tradição internacionalista - o PSDA era o maior partido, a referência da ortodoxia e centro de gravidade da II Internacional - à defesa dos interesses "nacionais" seria gradativa e adquiriria maior nitidez a partir de 1907, quando o PSDA vê inclusive a sua base eleitoral pressionada pela ofensiva ideológica das classes dominantes. Em um primeiro momento, o centro e a direita bloqueiam toda proposição de resistência ao militarismo alemão, que ultrapassasse a sua condenação retórica; em um segundo momento, introduziu-se a distinção polêmica acerca da postura a ser adotada diante de uma "guerra ofensiva" e uma "guerra de defesa nacional", que estabeleceu uma cunha no anti-belicismo do PSDA; por fim, com o desencadear da 1ª Guerra Mundial, esta posição evoluiu para o filo-imperialismo, isto é, para a subordinação explícita aos desígnios da expansão imperialista alemã.

Em relação ao Estado, podemos falar de uma integração negativa da social-democracia alemã, isto é, de uma incapacidade de fugir ao horizonte da disputa na institucionalidade vigente. A adesão a via parlamentar era explicitamente defendida nas teses reformistas de Bernstein, que via na aliança com os setores liberais o caminho para a conquista das reformas. No caso de Kautsky, o horizonte estratégico, enquanto dura a sua visão determinista da história, é a conquista da maioria parlamentar. A revolução é entendida como "enérgico deslocamento das forças no Estado", a ruptura apenas como reação a uma eventual ação violenta das classes dominantes frente ao progresso eleitoral inexorável da social-democracia. Essa forma de pensar a conquista do poder como

um deslocamento da correlação de forças no interior do Estado burguês conduziu Kautsky a uma visão parlamentarista da luta política, isto é, à subordinação do movimento de massas à estratégia parlamentar. Os limites da concepção de Estado em Kautsky ficariam evidentes no debate travado com Rosa Luxemburgo em 1910 acerca da tática da luta pela reforma constitucional e, mais particularmente, no debate travado com Anton Pannekoek em 1912 sobre a relação entre luta parlamentar e luta de massas.²¹

No campo econômico, a divisão de trabalho entre partidos e sindicatos foi o caminho para a adaptação a uma dinâmica estritamente corporativa. A divisão rígida entre programa máximo e programa mínimo mostrava aqui toda a sua dinâmica integradora: em um momento de agressiva expansão dos cartéis e monopólios, o PSDA abstinha-se de defender propostas mais amplas e estruturais as quais eram sempre condicionadas à chegada ao poder; enquanto isso, o movimento sindical limitava-se à luta por conquistas imediatas as quais eram obviamente condicionadas à própria performance do capitalismo alemão. Como veremos mais adiante, os sindicatos verticalizados e burocratizados seriam a ponta de lança de integração do movimento social-democrata.

No plano da visão de mundo e da criação de novos valores culturais e éticos, era marcante o apego aos padrões

21

A recuperação desta importante polêmica está em *Cuadernos de Pasado y Presente*, nº 63. Em seu artigo *A nova tática*, Kautsky afirma que o programa da social-democracia não visava à destruição do aparato burocrático do Estado mas o seu controle e à eleição de seus altos funcionários. "Nenhum dos atuais ministérios será eliminado na nossa política contra o governo". "O fim da nossa luta política - escreveu mais adiante - permanece sendo a que travamos até agora: conquista do poder estatal através da conquista da maioria no Parlamento e elevação do Parlamento à chefia do governo."

civilizatórios da sociedade burguesa. No pensamento revisionista de Bernstein, a influência do fabianismo (a mistura eclética entre socialismo e liberalismo produzida na Inglaterra). Em Kautsky, a história concebida como marcha para a civilização, o marxismo como a ciência que revela as leis naturais do desenvolvimento da sociedade, a ponto de se poder falar nele de um verdadeiro "darwinismo social". A idéia de salto, de ruptura, de criação de uma contra-hegemonia cultural na sociedade é abafada por esta crença determinista, no advento do socialismo; quando o pensamento de Kautsky perde esta confiança fatalista, na segunda década do século, é revelador que ele se inflexiona para a "direita", para um curso de adaptação ao capitalismo emergente através da teoria do ultra-imperialismo.

Se no caso do PSDA, é possível delinear um quadro e uma evolução de posições programáticas razoavelmente coerente, o mesmo não ocorre no PSI. Forte ecletismo, instabilidade e linhas evolutivas inconsistentes dão a tônica.

A difusão tardia do marxismo na península italiana, a sua recepção em um contexto cultural penetrado de positivismo na última década do século XIX, a dificuldade de enraizamento nacional em um país ainda bastante marcado pelo atraso econômico e a pressão de uma aguda crise nacional na segunda década do século explicam este ecletismo, instabilidade e inconsistência.

Neste quadro, pode-se identificar uma corrente reformista, ancorada em um "marxismo" de tipo evolucionista cuja máxima expressão é Filippo Turatti. Após dirigir o PSI no período de aberta conciliação com o giolittismo, esta corrente diante do

quadro nacional pouco propício a uma estratégia abertamente colaboracionista, entrará em crise e restará sempre minoritária no partido até sua cisão. Mas conservará uma influência dominante na Confederação Geral do Trabalho (CGL) e na bancada parlamentar do PSI.

Um centro partidário, com posições semelhantes às posições de Kautsky, começaria a ser formado a partir do XII Congresso do PSI, realizado em Modena em 1911. Lazzari e Serrati, secretário geral do partido e diretor do *Avanti!* (principal jornal do PSI) seriam as suas maiores expressões. No ambiente convulsionado dos anos seguintes, esta corrente marcaria o seu perfil pela combinação de um maximalismo intransigente mas retórico de oposição à ordem com a passividade na adoção de qualquer estratégia revolucionária.

No contexto da luta anti-reformista, formar-se-iam uma corrente anti-parlamentarista expressa por Benito Mussolini, que compõe inicialmente um bloco com a corrente maximalista no Congresso de Reggio-Emilia em 1912. Mussolini, adepto de uma linha intransigente de oposição mas não revolucionária, exerceu uma influência importante no partido, ocupando inclusive o posto de diretor do *Avanti!*. Posteriormente aderiu a uma posição intervencionista, perdeu a direção do jornal e terminou sendo expulso do PSI. Formou-se também uma corrente sindicalista revolucionária (Enrico Leoni, Arturo Labriola) que se decompôs posteriormente, uma parte dela aderindo ao fascismo.

A esquerda que dará origem ao PC da Itália em 1920, será formada tardiamente por jovens militantes - Bordiga, Gramsci, Togliatti - que, através de distintas angulações, fazem a crítica às tradições políticas do PSI.

O neutralismo - resumido na fórmula de Lazzari "nem aderir, nem sabotar" - foi a postura através da qual o PSI resistiu à integração na conjuntura da 1ª Guerra Mundial. Este neutralismo desdobrar-se-ia no plano internacional através de uma postura pacificista que fugiria à regra do nacionalismo manifestado pela maioria dos partidos da II Internacional.²² A inserção marginal da Itália na disputa inter-imperialista, a derrota interna da corrente reformista simpática ao discurso nacionalista, o credo de oposição intransigente do maximalismo seriam as raízes dessa posição excepcional do PSI no quadro da II Internacional.

O neutralismo seria a matriz, no entanto, de uma incapacidade crônica do PSI em intervir sobre a questão nacional. Ela seria superada, pela direita, através da formação da ideologia fascista que vai, com a exaltação nacionalista da violência e da guerra, fundir a crítica ao liberalismo e ao "socialismo" institucionalizado e destituído de vontade criadora na história.

Tanto como o PSDA, o PSI nunca conseguiu construir um programa crítico e uma prática alternativa à institucionalidade vigente na Itália. No auge da crise do regime, no chamado "biênio vermelho", a adesão do maximalismo do PSI à proposta da formação

22

No dia da entrada da Itália na Guerra o órgão oficial do PSI, afirmou: "Não pactamos com o inimigo. Não pedimos indulgência ou discrição. Nós mesmos, vencidos, por ora reconhecemos a necessidade de sofrer a lei do mais forte. Mas reafirmamos nossa inquebrantável vontade de dar amanhã outra batalha, repetimos a nossa firmissima esperança de conseguir a vitória. Não é uma trégua de armas que pedimos aos adversários e muito menos um armistício. Espontaneamente nos pomos de lado. Deixemos que a burguesia faça a guerra: a guerra que ela quiz e que ela assumirá diante de um futuro não longínquo toda a sua responsabilidade." Citado por Edmundo Fernandes Dias: "Do Giolittismo à Guerra Mundial", mimeo.

de sovietes soaria artificial diante de toda a tradição política e organizativa do movimento socialista italiano.²³ O PSI recusou, neste contexto, a proposta de convocação de uma Assembléia constituinte queimando as pontes possíveis de vínculo entre a radicalização das classes trabalhadoras e o aprofundamento da luta democrática.

A adaptação à legalidade é captada bem por Antonio Gramsci em seu artigo "*La conquista dello Stato*", de julho de 1919 no *L'Ordine Nuovo*: "Os sindicatos colocam-se do ângulo de 'não fazer política', ou seja, pensam a relação capitalista-operário como questão administrativa (trabalhista). Já os socialistas parlamentares colocam-se tão dentro da realidade estatal, tão 'no íntimo das coisas', que acabam por vencer na 'concorrência', isto é, triunfam na via parlamentar. Triunfo este que lhes custa a lucidez, ocasionando a perda da concepção de que a sua posição poderia manter-se essencialmente crítica, de antítese. Deixaram-se absorver pela realidade, não a dominaram."²⁴

No campo econômico, o PSI seguiu a incapacidade do PSDA em criar um campo alternativo aos imperativos do desenvolvimento capitalista na Itália. Na ótica reformista e para o determinismo maximalista, o desenvolvimento do capitalismo italiano era necessário seja para criar o campo para um partido de corte

²³ Em janeiro de 1920, o Conselho Nacional do PSI aprovou um mandato à direção do partido para providenciar "em menos de dois meses (...) a constituição definitiva dos conselhos de trabalhadores." O mandato, na tradição do jogo maximalista, não teve efeito prático.

²⁴ Citado em Dias, Edmundo Fernandes - *Democracia Operária*, vol. II, p. 62.

trabalhista seja para maturar as condições para o advento do socialismo. Em função da sua posição maximalista, o PSI não absorveria em seu programa uma resposta democrática à questão agrária meridional, destruindo mais uma das vias para a construção de um projeto nacional. No campo sindical, a mesma divisão do trabalho entre partido e sindicato ocorrida na Alemanha, como veremos, encerraria a CGL, hegemônica desde a sua origem pelas correntes reformistas, em uma dinâmica corporativa. Os movimentos de maior radicalização do movimento operário italiano no período estudado, de contestação ao poder capitalista na fábrica, como em Turim no "biênio vermelho", ocorreriam por fora do controle da CGL.

O que marca o perfil programático e estratégico do PT nos seus primeiros dez anos de existência e a incompletude, isto é, a elaboração muito parcial dos princípios básicos da sociedade socialista que o partido defende e do caminho para alcançá-lo. Apenas a partir do V Encontro Nacional do PT, realizado em dezembro de 1987, foram aprovadas as primeiras resoluções de uma construção estratégica ainda em processo de elaboração.

Esta indeterminação estratégica tem a sua raiz em três fatores:

- a crise das referências socialistas internacionais faz com que o PT desde o início valorize uma síntese própria e original, alternativa às experiências social-democrata e estalinista;

- o caráter plural do PT, o fato de abarcar um arco muito amplo de tradições e contribuições ideológicas, torna o processo de síntese doutrinária particularmente complexa (a própria corrente majoritária desde a origem do partido passou e passa por

muitas transformações).

- o prevalescimento de um método no PT, adaptado à sua natureza de massas, que na ausência de outro nome chamaremos de "pragmatismo consciente", isto é, uma acumulação programática que se faz processualmente a partir dos desafios concretamente enfrentados.

O quadro abaixo busca visualizar esta acumulação programática a partir dos sete encontros nacionais realizados:

Fundação - Junho de 1980. Aprova um programa: "Por uma sociedade sem exploração" e os estatutos provisórios.

1º Encontro - Agosto de 1981. Aprova a resolução sobre a luta contra o desemprego, uma análise sobre "o momento político e as eleições", define o regimento interno.

2º Encontro - Março de 1982. Define a plataforma "Trabalho, Terra e Liberdade" para unificar a intervenção do partido nas eleições de 1982.

3º Encontro - Abril de 1984. Aprova as "Teses para a atuação do PT", que elabora as diretrizes políticas e organizativas para o partido no período.

4º Encontro - Maio de 1986. Define a tática partidária para as eleições de 1986, inicia o debate do tema sindical e da regulamentação das tendências internas.

5º Encontro - Dezembro de 1987. Aprova um programa democrático e popular, define o objetivo estratégico do partido de construir um socialismo com democracia, elabora os fundamentos da política estratégica de alianças do PT, aprova os princípios sindicais do partido, define marcos gerais de atuação nos movimentos populares, elabora a tática para as eleições municipais

de 1988 e homogeneiza uma compreensão sobre o caráter socialista, democrático e de massas do PT. Aprova uma primeira formulação da regulamentação das tendências internas do PT.

6º Encontro - Junho de 1989. Define os marcos táticos e estratégicos para a disputa presidencial: "O momento atual e as nossas tarefas", "Diretrizes para a elaboração do Programa de Ação do Governo", "Bases do Programa de Ação do Governo". Aprova moção sobre a repressão aos estudantes na Praça da Paz Celestial, rompendo relações com o Partido Comunista Chinês.

7º Encontro - Junho de 1990. Aprova a resolução "Socialismo Petista", que aprofunda no campo estratégico a elaboração sobre as relações entre a construção do socialismo e a democracia, alternativamente à tradição stalinista ou social-democrática. Define os marcos gerais da tática de oposição ao governo Collor. Aprova a regulamentação definitiva da atuação das tendências internas e o direito delas terem uma representação proporcional nas instâncias de direção do partido.

É a partir deste acúmulo programático que faremos o estudo comparativo do PT com o PSDA e o PSI em torno aos quatro sub-ítem elegidos.

O viés classista que marca o nascimento e o desenvolvimento do PT significou a crítica e a ruptura com o discurso nacionalista típico do período populista. Esta tradição classista tem impulsionado o partido a uma dinâmica programática que procura construir elementos alternativos para uma Nação, a partir do ponto de vista dos trabalhadores e dos setores populares.

Esta tradição e o fato de que as classes dominantes estão mais tensionadas para a internacionalização tornam improvável que

o nacionalismo venha a ser o viés de integração do PT.

Por outro lado, a tradição internacionalista do PT é muito mais tênue pelo menos que a do PSI, que nasce integrado a um sistema internacional de partidos (a II Internacional seria criada quatorze anos após a fundação do PSDA). O PT nasce em um período de extrema fragmentação do movimento socialista internacional, de décadas de recuo de tradição internacionalista no movimento operário e, assim, o centro de gravidade de sua experiência é profundamente nacional, autóctone.

Do ponto de vista programático, o PT ainda não foi capaz nestes seus dez anos de existência, assim como o PSDA e o PSI, de construir uma proposta alternativa de conjunto ao Estado burguês. Neste sentido, a sua prática permaneceu no campo da luta pelo alargamento, ampliação e democratização do regime, que se manifesta em uma pauta que incide sobre os aspectos mais distorcidos e autoritários: as leis de exceção, a tutela militar, os limites à liberdade sindical, as distorções eleitorais, os aspectos de corrupção e clientelismo, a violação dos direitos humanos.

Esta postura permitiu ao PT criar um campo de luta contra a ditadura para além do liberalismo e resistir criticamente ao apelo de "unidade democrática" contido na transição conservadora. Mas tem sido insuficiente para evitar tendências de institucionalização do movimento dirigido pelo PT, tanto mais graves quanto se relacionam com uma ordem política que busca agressivamente legitimar-se através da auto-reforma.

Também no plano econômico, o PT - como o PSDA e o PSI - não construiu ainda um programa alternativo de conjunto ao capitalismo

brasileiro. No caso dos partidos europeus tal carência era produto da rígida divisão entre programa máximo e programa mínimo, da dificuldade de estabelecer um elo de ligação entre o programa socialista futuro e as reivindicações cotidianas. No caso do PT, tal carência é subproduto de seu pragmatismo.

Assim, tal como na arena política, o discurso do PT acaba por ganhar um perfil marcadamente distributivista, de democratização da ordem econômica através da recuperação do poder do salário, mudança da política social do Estado, da reforma tributária etc. A defesa da reforma agrária encaixa-se também neste horizonte de democratização do acesso à terra, já que não abarca as modernas empresas, mais produtivas.

Por fim, o PT manifesta uma forte insuficiência hegemônica no que diz respeito à criação de novos valores culturais e éticos. Chama a atenção a defasagem entre a influência social que o PT conquistou e a ausência de um movimento cultural que a projete em um espectro ideológico autônomo.

É um item comparativo em que o PT aparece claramente colocado em uma situação desfavorável em relação à social-democracia alemã ou italiana. Em primeiro lugar, porque hoje através dos meios de comunicação de massa, qualitativamente mais poderosos do que nas décadas do início do século, as classes dominantes têm acesso permanente ao processo de formação da consciência e reprodução ideológica das classes trabalhadoras. Em segundo lugar, porque - principalmente o PSDA - contava com uma rede de instrumentos de coesão cultural (um vastíssimo sistema de imprensa, cooperativas, associações culturais) que não existe no caso do PT.

Partidos e sindicatos

A separação de campos de atividades entre partido e sindicatos, a limitação destes últimos a uma dinâmica corporativa, a criação de uma burocracia sindical verticalizada foram sinais e vetores chaves da integração do movimento social-democrata na ordem.

No caso da social-democracia alemã, a consolidação do reformismo foi, em grande medida, a expressão do peso e da influência do conservadorismo das estruturas e direção do movimento sindical sobre o PSDA. Os sindicatos começaram a se desenvolver na Alemanha principalmente a partir de 1890, com a revogação das chamadas "leis anti-socialistas" de Bismarck e em um período fortemente expansivo do capitalismo alemão. Eles formaram-se assim, como na Itália e ao contrário da Inglaterra, após a fundação do partido.

Os chamados "sindicatos livres" (com influência da social-democracia) eram amplamente majoritários na parcela organizada dos trabalhadores: em 1898, possuíam 400 mil filiados; em 1913, 2,5 milhões de filiados. Os sindicatos sob influência dos liberais tiveram sempre menos de cem mil filiados. Os sindicatos sob direção dos católicos abrangiam cem mil filiados em 1898 e 350 mil em 1913.

O sistema dos "sindicatos livres" centralizou-se inicialmente por ramos econômicos a nível nacional (os quatro grandes: metalúrgicos, marceneiros, construção, mineiros) e a nível municipal. Ao longo dos anos noventa, foi ocorrendo um processo crescente de centralização verticalizada na cúpula: controle

centralizado das finanças, celebração de contratos coletivos de trabalho impostos à base, aplastrando as correntes de esquerda com mais inserção nas estruturas municipais.

O Congresso sindical de 1892 (Köln) votou a tese da independência dos sindicatos em relação ao partido. O Congresso de Frankfurt em 1899, por sua vez, aprovou comissões paritárias com os patrões e começou a estruturar um sistema próprio de assistência aos trabalhadores, que iria ganhar pleno desenvolvimento com a formação das cooperativas.

Esta força sindical que cresceu e estruturou-se paralelamente ao partido, passou a constituir um foco alternativo de poder no interior do movimento operário alemão. Em 1906-1907, o orçamento movimento pelos sindicatos era cinquenta vezes maior do que o do partido. Em 1906, o número de membros do PSDA era de 348.327; os filiados aos sindicatos ascendiam a 1.648.709. Evoluiu assim a relação entre a base eleitoral do PSDA e o número de filiados aos sindicatos:

<i>Relação entre eleitores e filiados</i>	
<i>Ano</i>	<i>eleitores/filiados</i>
1890	6
1893	8
1904	3
1907	2
1912	2

Fonte: Carl Schorke - *German social-democracy (1905-1917)*

O confronto entre estes dois poderes e a acomodação do PSDA à esfera sindical do movimento ocorreu em meados da primeira década. Em uma conjuntura de radicalização - sob o impacto da revolução

rusa e de um ascenso sem precedentes das greves²⁵ - o PSDA discutiu em 1905 no Congresso de Jena, como tema central, a proposta da greve política de massas. A resolução aprovada, mesmo assumindo apenas teoricamente a defesa da convocação de uma greve geral apenas na eventualidade de um golpe conservador do regime contra os direitos políticos e a ascensão eleitoral da social-democracia foi por quase unanimidade - 208 a 7 votos - recusada no congresso sindical que se realizou em seguida.

Assim, o Congresso de Mannheim, realizado em 1906, teve como tema central a relação entre o partido e os sindicatos e terminou com uma grande vitória destes últimos. O Congresso realizou-se após a eclosão de um escândalo na social-democracia: a divulgação dos termos de um acordo celebrado por uma conferência secreta entre a direção executiva do partido e a direção da central sindical, na qual a direção do PSDA comprometeu-se a desestimular em suas fileiras o debate sobre a greve geral. O Congresso de Mannheim votou a formação de uma comissão paritária entre as direções do partido e dos sindicatos, que dava a estes últimos na prática o poder de veto sobre encaminhamentos políticos relativos à sua área.²⁶

²⁵ O quadro seguinte dá a dimensão do crescimento das greves no período:

Número de trabalhadores em greve na Alemanha	
1890-1899	425.142
1900-1904	477.516
1905	507.960
1906	316.042

Fonte: Carl Schorske, *German social-democracy (1905-1917)*

²⁶ A moção apresentada por August Bebel, presidente do PSDA ao Congresso de Mannheim, reconhecia a completa paridade de

A decisão do Congresso de Mannheim foi fundamental por duas razões: ela institucionalizou a dinâmica parlamentar do partido e a dinâmica corporativa dos sindicatos; ela tornou-se um modelo para a social-democracia, sendo adotada uma moção de conteúdo semelhante no Congresso de Stuttgart da II Internacional.²⁷

O processo de formação da *Confederazione Generale del Lavoro* (CGL) e o seu papel na trajetória da social-democracia italiana é semelhante ao do sistema sindical alemão. A sua estrutura e prática fortemente corporativas se não exerceram plenamente uma função positiva de integração na ordem funcionaram como barreira de contenção ao processo de radicalização vivido pelo movimento operário na segunda década do século. Se o reformismo abertamente pró-integração na ordem foi derrotado no Congresso de Reggio-Emilia, ele permaneceu com uma influência majoritária no interior da CGL, assim como no bloco parlamentar do PSI.

No caso italiano, é interessante contrastar as dinâmicas distintas das duas grandes instituições de representação entre os trabalhadores: as *Camere del Lavoro* (CL) e as federações de

poderes entre os sindicatos e o partido: "em ações que afetassem igualmente o interesse dos sindicatos e do partido, a direção central de ambas as organizações devem buscar um entendimento comum no sentido de alcançar uma ação unificada."

A resolução afirmava paradoxalmente que a decisão aprovada no Congresso de Jena sobre a greve geral de massas (a qual defendia o seu uso em determinadas circunstâncias) não "estava em contradição" com a resolução do Congresso Sindical de Köln, a qual proibia até mesmo o debate sobre a greve geral. Era assim, nítido o sentido de acomodação ao poder sindical da proposta majoritária no Congresso do partido.

27

O Congresso de Stuttgart aprovou, por grande maioria, que os sindicatos operários deveriam ter liberdade para orientar a luta econômica diária sem interferências do partido e que o partido deveria desfrutar de uma análoga autonomia na esfera política.

ofício, que conformavam as estruturas da CGL.

Formadas no final do século XIX, apesar de definirem-se oficialmente como apolíticas e terem sido inicialmente apenas intermediárias entre patrões e empregados, as *Camere del Lavoro* foram ganhando uma projeção mais nitidamente revolucionária, ao contrário das federações. Isso ocorreu em grande medida em função do caráter não corporativo das CLs, como decorrência do fato de serem uma espécie de micro-representação da classe, onde a ação sindical-reivindicativa e a política estavam perfeitamente integradas.

As federações nacionais verticalizadas, centralizadoras, nasceram quase todas nos anos iniciais do século XX e, apesar de se proclamarem socialistas, eram quase sempre corporativistas e reformistas. De acordo com Giuliano Proccacci²⁸,

"em um país como a Itália, onde a indústria de tipo moderna era ainda escassamente desenvolvida e onde o movimento operário tinha se formado quase como por um processo de modificação e de transformação gradual da democracia rissorgimental, uma orientação de tipo classista trade-unionista arriscava trazer poucos frutos e isolar os núcleos operários mais avançados e conscientes da massa do povo, de cortar a solidariedade popular e revolucionária real cujo conteúdo político era o da democracia rissorgimental e cuja margem de manobra era dada pela correspondência bastante relativa das estruturas e da política do Estado unitário às aspirações e aos programas precisamente da democracia italiana."

O choque entre as duas formas de organização teria um primeiro ponto de equilíbrio no 4º Congresso das CLs, realizado em 1901, onde estavam representadas 24 federações (480 mil aderentes)

²⁸ *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX*, citado em "Do Giolittismo à Guerra Mundial", Edmundo Fernandes Dias, mimeo.

e 21 CLs (284 mil aderentes). Formou-se um comitê paritário que tinha como função fundar novas federações de ofício e resolver eventuais conflitos entre as federações e entre estas e as CLs.

Já o 5º Congresso, realizado em Gênova, em 1904, marcou o predomínio da corrente reformista: reforço da centralização nacional, drástica redução das funções das CLs.

O Congresso de fundação da CGL em 1906, convocado pela *Federazione Italiana Operai Metalurgici* (FIOM), contou com a participação de 500 delegados em nome de 250 mil aderentes. Os socialistas (reformistas) obtiveram 68,15% dos votos contra 31,85% dos anarquistas e sindicalistas revolucionários. A minoria sindicalista revolucionária retirou-se da CGL e constituiu em 1907 o "Comitê de Resistência".

Nos anos seguintes, a CGL afirmou-se como corrente majoritária no movimento organizado, de um lado contra o sindicalismo revolucionário e, de outro, contra a influência católica: em 1910, a CGL tinha 36,6% dos aderentes, a sindicalista-revolucionária 18,31% e as uniões católicas 12,7%, com 32,4% de "Independentes".

É neste contexto de consolidação do reformismo que realizou-se o pacto de aliança entre a CGT e o PSI, que delimitou os campos de ação entre partido e sindicato, "a responsabilidade da direção do movimento econômico cabe à Confederação do Trabalho e a do movimento político à direção do partido."²⁹

29

Eis a íntegra do famoso Pacto de Aliança entre a CGT e o PSI:
"Invocada a moção de Stuttgart de 1907 que em linhas gerais estabelece as relações que devem existir entre os partidos políticos socialistas e as organizações de trabalhadores, e também a Convenção de Florença, do mesmo ano, com a qual foram fixadas as relações entre o Partido

É a partir destes marcos gerais que estabeleceremos a análise comparativa com a relação contruída entre o PT e a CUT.

A CUT, fundada em 1983, chegou ao seu 3º Congresso realizado

socialista italiano e a Confederação geral do trabalho;

- reconfirmada a independência e a autonomia da Confederação e do Partido, cada um no próprio campo, isto é, é afirmado que a direção e a responsabilidade do movimento econômico cabe à Confederação do trabalho e a do movimento político à Direção do Partido; e além disso, que os sindicatos confederados inspirarão a sua propaganda em conceitos profundamente socialistas e procurarão colaborar assiduamente com o Partido para a obtenção de fins comuns;

- O PSI e a CGT por meio dos seus legítimos representantes, ou seja, pela Direção: Alfini, Bassi, Bombacci, Farini, Gennari, Reposi, Voghera; e pela Confederação Altobelli, Baldini, Belelli, Braga, Buoizzi, D'Aragona, Del Buono, Dugoni e Zirardini, reunidos em Roma, na sede da Direção do Partido, pactam o que se segue:

1) A greve e as agitações de caráter político nacional serão proclamadas e dirigidas pela Direção do Partido, ouvido o parecer da Confederação do trabalho, a qual, em cada caso, se empenha em não obstaculizar a realização das deliberações da Direção do Partido.

2) A greve e as agitações de caráter econômico nacional serão proclamadas e dirigidas pela Confederação, ouvido o parecer da Direção do Partido, a qual, se empenha, em cada caso, em não obstaculizar a realização das deliberações confederais.

3) Caso existam questões que podem ser avaliadas como prevalentemente políticas pela Direção do Partido e como prevalentemente econômicas pela Confederação ou vice-versa e, portanto, podem surgir dúvidas ou conflitos de competência, se pacta que todas as vezes que a Direção do Partido se reunir, transmitirá a tempo a própria ordem do dia à Confederação do trabalho, para que esta tenha modo de examinar a natureza dos assuntos, postos na ordem do dia, e, no caso, intervir de direito, mediante uma representação sua, nas reuniões da Direção. Outro tanto será feito para as reuniões do Conselho diretor e do Conselho Nacional da Confederação do trabalho, os quais transmitirão as suas ordens do dia à Direção, para que esta, onde o creia útil e necessário, intervenha de direito nas reuniões do Conselho diretor e do Conselho nacional.

4) Sempre com a finalidade de conservar as melhores relações entre os dois organismos, as secretarias da Confederação e da Direção manterão continuamente correspondência entre si."

O texto encontra-se em: Adolfo PEPE, *Movimento Operaio e Lotte Sindacali (1880-1922)*, Loescher Editore, Torino, 1976, pp. 252-253. Citado por Dias, Edmundo Fernandes, *Democracia Operária, op. cit.*, vol. II, pp. 101-102.

em 1969 com 1.157 entidades urbanas e rurais. Tem a sua força concentrada fundamentalmente nos trabalhadores do setor público, no setor financeiro e nos ramos industriais mais dinâmicos, além de algumas regiões de concentração de trabalhadores rurais.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa de Relações do Trabalho (entidade de assessoria empresarial), a CUT predomina em 89% das empresas estatais, 51% das nacionais e 56% das multinacionais. A CGT apresentava índices respectivamente de 11%, 20% e 18%. Os sindicatos independentes, por sua vez, eram praticamente ausentes nas empresas estatais, agrupavam-se em 14% das nacionais e em 18% das multinacionais.

Nos sete anos de coexistência entre o PT e a CUT, a tendência que tem prevalecido é a da separação das esferas de atuação do partido e dos sindicatos, com a tendência do primeiro girar a sua vida em torno às disputas eleitorais e os últimos a reduzirem as suas atividades a lutas de caráter econômico e corporativo.

São várias as evidências desta separação: dos sete encontros nacionais do partido, apenas dois deles aprovou uma resolução específica sobre o movimento sindical (ver IV e V Encontro Nacionais), as secretarias sindicais do partido foram esvaziadas de peso real ao longo dos anos; são raros os núcleos de categoria do partido e a esmagadora maioria dos militantes sindicais petistas não desfrutam de enraizamento nas estruturas partidárias (embora um grande número de parlamentares e dirigentes tenham origem no movimento sindical).

Esta dinâmica predominante da separação orgânica e da dinâmica entre o PT e a CUT tem sido em parte relativizada pelo fato de que as tendências no interior do PT constituem-se em

fracções no interior da CUT. Entretanto, não se verifica uma simetria, um paralelismo coerente entre a atitude das respectivas tendências e fracções no PT e na CUT; a pressão pela separação entre ação política e sindical manifesta-se também na própria organicidade interna das tendências. Repetem-se continuamente situações em que a disputa interna entre as tendências partidárias transferem-se para disputas em eleições sindicais, com a apresentação de chapas distintas formadas por militantes petistas.

Existe também, é claro, um vasto campo de canais informais de comunicação, troca e apoio mútuo entre o PT e a CUT. Mas esta evidência, em grande medida, adapta-se à divisão de trabalho institucional: a CUT transfere a sua representatividade ao património eleitoral do partido através de candidatos, apoio material; o partido acolhe e representa as demandas da CUT no plano parlamentar.

Comparativamente à experiência das centrais vinculadas ao PSDA e ao PSI, a CUT construiu-se como federação de sindicatos inseridos na institucionalidade mas em contradição com ela. Daí resultaram três diferenças em relação às centrais influenciadas pela social-democracia alemã e italiana: a CUT tem uma estrutura orgânica menos verticalizada e seu corporativismo manifesta-se mais em um horizonte fragmentado de atividades do que na diferenciação de pautas entre categorias; a construção da CUT em torno ao sindicato de base única e não pelo sistema de filiação individual cria uma dinâmica mais forte de despartidarização e de construção de unidade supra-partidária³⁰; a ausência de uma maior

³⁰ Apesar do PT ter uma influência amplamente majoritária na CUT, esta conta com a participação de sindicalistas filiados

verticalização e de uma hegemonia absoluta de uma corrente no seu interior, torna a CUT mais permeável às pressões da radicalização classista da base.

A persistência de uma crise que dificulta a estabilização de conquistas econômicas, a vigência de um patamar elevadíssimo de greves no período, a oposição às instituições da ditadura e da transição conservadora por parte do PT criaram uma situação histórica que, como no caso italiano, dificulta que esse corporativismo sindical torne-se um fator ativo de integração na ordem. A resistência a várias propostas de pacto sindical e a realização de pelo menos uma greve geral nacional no período são os sinais mais evidentes da recusa a um tal processo de integração ativa na ordem.

Pode-se falar, no entanto, de sinais de integração passiva na ordem, isto é, de um acento maior na construção da super-estrutura do que na auto-organização dos trabalhadores, uma incorporação da separação entre política e economia ao discurso e à prática e, enfim, uma reiterada incapacidade de superar os horizontes reivindicativos postos para a negociação pela ordem capitalista.

Organização e democracia interna

Se entendemos as tensões de integração na ordem como algo constitutivo, intrínseco à experiência social-democrata, é coerente eleger os aspectos organizativos como um dos itens da análise comparativa. A estrutura organizativa de um movimento político é um dos melhores indícios de sua verdade, para além da ideologia que secreta ao seu redor. Um movimento político que organiza-se naturalisticamente, que inscreve os constrangimentos e

tendências da ordem em suas estruturas, tende para a integração ou, pelo menos, para se fechar a um caminho revolucionário.

Escolhemos três itens para analisar isto que chamamos de "naturalismo organizativo".

O primeiro deles é a tendência a identificar o movimento político às suas instituições (partidos, sindicatos, cooperativas, entidades culturais), traçando uma linha grossa de separação entre a parcela organizada e consciente dos trabalhadores com a massa não influenciada diretamente por estas instituições. Tal identificação conduz a uma prática corporativa que desvaloriza o papel dos mais explorados e destituídos de direitos políticos, subestima a ação espontânea em detrimento da ação institucional e tende a separar a raiz social do movimento da sua expressão política.

Um segundo item, decorrente deste primeiro, é a burocratização do movimento, isto é, a construção de uma centralização que abafa a iniciativa das bases e cria uma rede de funcionários que se autonomiza do controle e passa a constituir, ela própria, uma dinâmica específica de interesses e reprodução de poder.

Um terceiro item é a autonomização das várias esferas do movimento - estrutura partidária, sindicatos, expressão institucional - que, em seus respectivos movimentos de adaptação à ordem, relativiza a centralização do movimento político e mina a sua vontade transformadora. Este "naturalismo organizativo" manifesta-se aqui como uma espécie de anti-jacobinismo, como fragmentação do impulso e da disciplina partidárias.

Vimos como no caso alemão, a estruturação de "sindicatos

livres" social-democratas, com seus filiados e fortemente verticalizados, tendeu a aplastar as organizações de base e a desqualificar como "selvagens" as greves radicalizadas além dos seus marcos de ação. A atitude perante a greve dos mineiros do Ruhr em 1905, um ano de forte ascenso grevista, é um bom exemplo. A domesticação das comemorações do 1º de maio é outro exemplo bastante significativo.³¹

No caso do PSDA, a tendência a parlamentarização levou a uma cultura de clara subestimação das ações de massas inorgânicas. Este foi o tema central da brochura de Rosa Luxemburgo, "*Greve de Massas, partido e sindicatos*", a partir das ricas experiências de espontaneidade da revolução de 1905 na Rússia. Foi também o tema central da polêmica entre Kautsky e Rosa Luxemburgo sobre as diferentes táticas da social-democracia na luta pela reforma constitucional, travada em 1910.

O debate sobre a atitude da social-democracia perante os setores desorganizados dos trabalhadores adquiriu maior nitidez na polêmica que oporia Kautsky a Pannekoek em 1912.³² Kautsky nesta interessante polêmica chegou a caracterizar as posições de Pannekoek como expressão de um "cretinismo de massas", de um semi-anarquismo em tudo oposto à tradição da social-democracia fundada sobre o "potenciamento da organização", sobre "a conquista de todas as posições de poder". A essência da estratégia social-

³¹ Como o 1º de maio não era oficialmente considerado feriado, a sua comemoração era marcada por greves carregadas de forte conteúdo simbólico. A partir do Congresso de Nuremberg do PSDA, realizado em 1908, a central sindical pressionou para que ou o 1º de maio fosse cerebrado em um domingo ou se constituísse um fundo econômico pelo partido para compensar as perdas sofridas pelos trabalhadores.

³² Ver nota 56 para a recuperação desta importante polêmica.

democrata para Kautsky era a planificação consciente da luta conduzida pelos trabalhadores organizados suscetíveis de serem guiados e disciplinados.

No caso italiano, o conflito de atitudes perante as massas não enquadradas pelas instituições social-democratas é mais importante ainda já que o número de trabalhadores sindicalizados era bastante minoritário e o PSI teve que lidar com situações recorrentes de mobilizações espontâneas que ultrapassavam o quadro institucional. O conflito de concepção no plano sindical tornou-se explosivo na conjuntura do "biênio vermelho" quando a CGL opôs-se à criação de comissões de fábrica em Turim, que agrupasse os setores não sindicalizados. No plano partidário, a atitude do PSI foi sempre a de um apoio passivo, de recusa a dirigir o movimento espontâneo nas várias "insurreições" localizadas do período.

A burocratização exerceu uma função muito mais decisiva no desenvolvimento da social-democracia alemã do que no caso italiano. O fenômeno foi captado de forma arguta por Max Weber em 1908³³ e a longa citação vale por sua clarividência:

"A social-democracia está hoje evidentemente a ponto de converter-se em uma poderosa máquina burocrática dando ocupação a um exército de empregados, em um estado dentro do estado.

"Como o estado, conhece já em pequena escala a oposição entre ministros, presidentes de governo e assembleias regionais - os funcionários do partido - por uma parte e os alcaides: funcionários sindicais e presidentes de cooperativas de consumo, por outra.

"Estão sendo criadas agora suas universidades com seus professores que já clamam pela liberdade de ensino, conhece seus 'inimigos de Império', suas assembleias regionais convenientemente reguladas, etc. Possui, sobretudo, como o estado, um crescente exército de pessoas que têm, antes de tudo, interesse na ascensão...

33

Atas da Assembleia Geral de 1907, Leipzig 1908, p. 296. Citado por Bo Gustafson, *Marxismo y Revisionismo*.

além disso, este exército de empregados e de seres dependentes do partido têm, sobretudo, também interesses altamente materiais de sustento.

"Os portadores destes interesses não são apenas aqueles que estão formalmente empregados pelo partido mas também os hoteleiros que provêem os locais, os redatores de publicações socialistas, etc. Para toda esta gente, abre-se uma idade de ouro; obterão seu sustento ao calor da comuna direta ou indiretamente, como ocorre nos demais partidos ...

"A questão é quem tem de temer mais tudo isto a longo prazo, a social-democracia ou a sociedade burguesa. Eu, pessoalmente, penso que é a primeira (Muito bem!), isto é: aqueles elementos que nela são portadores de ideologias revolucionárias.

"Já hoje todo mundo conhece a existência de certas oposições dentro da burocracia social-democrata. E quando possam desenvolver-se totalmente as oposições entre os interesses materiais de sustento dos políticos profissionais, por um lado, e a ideologia revolucionária de outro, quando mais adiante já não se pretenda expulsar os social-democratas das uniões de combatentes como sucede hoje, quando se os aceite nas administrações eclesiásticas, das quais são expulsos hoje, só então começaram para o partido os verdadeiros problemas internos. (Muito bem!)

"Só então correrá a virulência revolucionária verdadeiramente sérios perigos e será mostrado que por este caminho a longo prazo não será a social-democracia quem conquistará as cidades ou o estado mas, ao contrario será o estado quem conquista o partido. (Muito bem!) E não vejo por que a sociedade burguesa como tal há de ver um perigo nisto."

A máquina burocrática do PSDA começou a ganhar consistência a partir da criação de bases para a centralização através da revisão dos estatutos no Congresso de Jena em 1905 e da eleição de Friederich Ebert para a secretaria de organização. Até 1906 nem o tamanho do partido sabia-se ao certo.

A estrutura de centralização concentrava fortes poderes no vértice: afora os congressos realizados quase anualmente, a direção executiva nacional formada por poucos membros políticos foi ampliando gradativamente as suas prerrogativas. A partir de 1906, uma rede de funcionários indicados e pagos pela executiva foi sendo criada: 16 secretários regionais em 1907; 4 secretários

regionais e 41 locais em 1908; em 1909, mais 62 secretários locais; mais 84 secretários locais em 1912. Ocorreu um progressivo deslocamento do centro de gravidade das decisões para cima. Existia uma comissão de controle, eleita em Congresso, mas apenas uma vez entre 1906 e 1910 ela questionou uma ação da direção executiva. No Congresso de 1911 do PSDA, realizado em Jena, apenas 10% dos delegados eram trabalhadores.

Além disso, os critérios de representação nos congressos favoreciam nitidamente os distritos menores em detrimento dos grandes núcleos urbanos, em geral, com posições mais avançadas. Até 1909, a delegação era feita com base na eleição de três representantes por distrito, independente do número de filiados. Após 1909, introduziu-se um certo grau de proporcionalidade entre o número de delegados e o número de filiados do distrito, sem eliminar de modo fundamental as distorsões.

Este "estado dentro do estado" como interpretava Max Weber, esta potência da organização como queria Karl Kautsky alcançou em 1912 a cifra de um milhão de filiados, a condição de maior partido eleitoral com 34,7% do total de eleitores, 110 deputados no Reichstag, a edição de noventa jornais com uma tiragem de cerca de 1,4 milhões e o controle sobre um capital da ordem de 21,5 milhões de marcos. O controle sobre esta máquina burocrática, constituída em compasso com a consolidação do reformismo, mostraria toda a sua força nos anos da crise da social-democracia.

O PSI, ao contrário do PSDA, não chegou nunca a formar um aparelho burocrático de tal porte ou rigidez. O seu caráter federativo, a instabilidade da correlação de forças entre as tendências internas, o seu solo histórico mais movediço não

convergiavam para a formação de um sólido aparato organizativo.

A primeira forma organizativa do PSI foi a adesão coletiva: a estruturação por filiados, aos moldes do PSDA, foi adotado ainda na década de 1890. O PSI possuía em 1896 20 mil filiados, 50 mil filiados em 1902 e conheceu uma profunda estagnação nos anos em que esteve sob a direção da corrente abertamente reformista. A duplicação do número de filiados de 1912 a 1914 forneceu a base para a renovação partidária e o declínio das correntes reformistas no interior do PSI.

A autonomização dos braços parlamentares e sindicais foi vivida pelo PSDA como um processo de perda de seu papel dirigente, como acomodação à pressão reformista de suas dinâmicas. No período de oposição intransigente do PSDA, a pressão da ala reformista do sul combinou sempre o revisionismo programático com a defesa de um caráter mais federativo para o partido. Já vimos como isto ocorreu na relação partido-sindicatos.

A tradição que foi sendo criada foi a do deslocamento para o grupo parlamentar (*fraktion*) das decisões políticas e a centralização partidária sendo substituída pelo centralismo de bancada. Essa autonomização veio acompanhada evidentemente de uma acomodação ao horizonte parlamentar. A mudança nas atitudes da representação parlamentar foi assim registrada por Ludwig Bamberger, um dirigente liberal e banqueiro:

"Quem tiver conhecido o *Reichstag* na época em que bestas como Hasselmann, Most e seus semelhantes enfureciam-se em suas salas, dificilmente poderiam reconhecer seus sucessores nos deputados que, como relatores ou presidentes de comissões, cooperam gentilmente e de maneira cordial com seus colegas em prol de pequenas mudanças, para melhorar ou para piorar,

o mundo burguês".³⁴

O amorfismo partidário resultante do duplo processo de perda do poder diante da fração parlamentar e da estrutura sindical foi coberto por uma cultura que concebia o partido mais como expressão do movimento do que seu dirigente, que buscava a unidade não através do reconhecimento e enfrentamento das diferenças mas por sua dissolução em moções quase consensuais e, enfim, pela noção de que a classe trabalhadora deveria ter uma única representação política e, como tal, conviver com diferenças estratégicas em seu interior.³⁵

Se no caso do PSDA, falamos de uma acomodação reformista à fragmentação empírica do movimento social-democrata, o exemplo do PSI fornece um exemplo de *impotência* partidária crônica diante da autonomização do braço parlamentar e sindical.

De um lado, a penetração do PSI na institucionalidade é mais profunda com o assumimento inclusive de governos municipais. De outro, a alteração da correlação de forças no interior do partido verificado nos XII e XIII Congressos em detrimento das correntes reformistas não encontra correspondência nno plano sindical ou parlamentar. De fato, a esquerda partidária na direção do partido sofreu um notável revés nas eleições de 1913, que assinalou forte crescimento da bancada do PSI.

Esta defasagem ilumina uma característica importante: a relação entre o grupo parlamentar reformista e as organizações de classe não passavam necessariamente pelo partido. A reivindicação

³⁴ Citado em Lelio Basso, *Socialismo y Revolución*, p. 352.

³⁵ O Congresso de 1904 da II Internacional aprovou uma moção afirmando que "a classe operária é única e deve ser apenas um partido".

do estatuto da autonomia dos parlamentares frente ao partido contraposta aos ataques ao "cretinismo parlamentar" conformaram um tema central nos XII e XIII Congressos, culminando com a expulsão de expoentes da ala direita do setor reformista.

Assim, o neutralismo durante a 1ª Guerra e o maximalismo da conjuntura seguinte, sob este ângulo, são expressões políticas distintas da mesma impotência do PSI.

Analisemos agora a realidade organizativa do PT sob os três ângulos comparados.

Em primeiro lugar, é possível constatar que nestes dez anos de existência, o PT tem mostrado enormes dificuldades de avançar suas estruturas e estabilizar uma influência eleitoral nos setores mais desorganizados da população. Os mapas eleitorais têm, em geral, indicado uma concentração maior de votos conferidos ao PT nos estratos de trabalhadores assalariados intermediários entre as faixas de renda mais alta e mais baixa.

Esta mesma correlação parece se reproduzir para as estruturas de representação da CUT. As duas concentrações de força da CUT são, de um lado, os setores operários ligados aos setores mais modernos da indústria de transformação e, de outro, o funcionalismo público e trabalhadores das empresas estatais. A ausência de uma tradição sindical classista aparece naquelas categorias penetradas pela inserção informal no mercado e pelos mais baixos patamares de renda como, por exemplo, são os comerciários e os trabalhadores da construção civil.

Se entendemos o processo de institucionalização de um partido como desenraizamento, como atração para as esferas estatais,

podemos estabelecer uma correspondência entre as tendências de institucionalização que se manifestam na vida do PT e a sua dificuldade em vencer as barreiras de enraizamento nos setores sociais mais desorganizados.

Em seus dez anos de existência, o PT não chegou a formar uma tradição organizativa. A debilidade da centralização nacional combinada com desenvolvimentos regionais muito distintos (grau de inserção na institucionalidade, bases classistas, correlação de forças entre as tendências internas) resultou em situações orgânicas pouco homogêneas. Em geral, a estrutura partidária oscila entre as tensões de uma institucionalização e o projeto consciente de um partido democrático de massas. Nessa ausência de homogeneidade organizativa, podem ser indicadas tendências.

A estrutura orgânica do PT assemelha-se menos à manutenção de um aparato partidário burocratizado e verticalizado, como no caso alemão, do que a um debilitamento na construção partidária fruto das pressões centrífugas que sobre ela são exercidas.

A construção de uma centralização na história do PT, à diferença do PSDA, vem acompanhada de uma positiva tradição de democracia partidária que prevê mais autonomia local, relativiza os poderes das direções executivas através de instâncias intermediárias de decisão (os diretórios zonais, municipais, estaduais e nacional) e inscreve a proporcionalidade plena na eleição de delegados ao Congresso. Mais importante ainda, o partido estabeleceu, a partir do seu V Encontro, a legitimidade das tendências internas ao partido e institucionalizou a sua presença proporcional nas direções executivas a partir do VII Encontro Nacional.

Por outro lado, em particular a precoce e profunda inserção na institucionalidade, as dinâmicas centrífugas impostas pela participação eleitoral debilitaram de forma profunda a construção de um aparato partidário. Em seu décimo ano de existência, o PT ainda não construiu uma imprensa nacional de massas, carece de uma estrutura nacional de formação, tem a sua estrutura financeira bastante atrelada aos recursos vindos da institucionalidade. Nos estados onde a inserção parlamentar é maior, o número de funcionários locados nas assessorias é, em geral, bem maior do que o número de funcionários partidários.

Coerente com esta debilidade da construção partidária verifica-se no caso do PT, como nos partidos social-democratas comparados, o fenômeno da autonomização das esferas sindical, parlamentar e administrativa do movimento em relação ao centro partidário. Têm sido frequentes os atritos entre a direção partidária e esta dinâmica de autonomização.

O primeiro conflito público entre a direção nacional do PT e a direção nacional da CUT deu-se em 1990 em relação à participação em um fórum de negociações visando um pacto social, criado pelo governo Collor. A direção partidária, por esmagadora maioria, era contrária à participação; por 6 votos a 4, a direção da CUT posicionou-se pela participação.

Por sua vez, o grande desacordo público entre o PT e sua expressão parlamentar nacional verificou-se quando da votação no Colégio Eleitoral em 1984, para a escolha do presidente da República. Três parlamentares votaram em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, contrariando a posição de boicote definida, sendo expulsos do partido.

Este fenômeno assume maior profundidade e repercussão na relação entre o partido e as chamadas "administrações populares", dirigidas por membros do partido. O tema polêmico foi tratado em uma resolução da Direção Nacional do PT que, nos marcos de uma relação mútua de consultas, estabeleceu o mecanismo de decisão em última instância pelo prefeito.³⁶

De fato, o que tem se verificado em geral é uma ampla autonomização da esfera administrativa em relação às estruturas partidárias, com a criação de focos alternativos de poder, conflitos públicos frequentes e deslocamento do centro de gravidade partidária com a migração de dezenas, centenas ou milhares de quadros para as tarefas de administração.

Tendências e integração

Neste item, estudaremos as tensões de integração na ordem à luz da formação das tendências políticas nos partidos comparados. Chamaremos de "ala direita" aquelas correntes que teorizavam explicitamente uma estratégia limitada a conquistas na ordem, eliminando de seu horizonte, qualquer elemento de ruptura ou revolução; indicaremos como "centro" aquelas correntes que, conservando o apego à tradição doutrinária do marxismo e recusando os elementos mais explícitos de integração na ordem, mantinham o seu horizonte prático confinado à ocupação de posições na ordem,

³⁶

Já as primeiras experiências de administração do PT, em Diadema e em Fortaleza, foram marcadas por fortes conflitos com as respectivas estruturas partidárias. Após as eleições de 1988, foi se formando uma cultura partidária de legitimação de uma grande autonomia dos prefeitos petistas eleitos em relação às estruturas partidárias.

deslocando para um futuro indeterminado os movimentos de ruptura³⁷; enfim, como "esquerda" apontaremos as correntes que buscavam, através de diversos ângulos, encaminhar a luta por reformas para a ruptura da ordem.

Um processo ativo de integração à ordem implica, neste roteiro analítico, o predomínio da ala direita no sistema partidário. Um processo passivo de integração à ordem indica, por outro lado, o predomínio do "centro" na estrutura partidária. Em ambos os casos, está delineada a presença subordinada e a impotência da ala esquerda.

A evolução do PSDA, assemelhado mais a um processo ativo de integração na ordem, mostra o crescente predomínio da ala direita no sistema partidário: primeiro nos sindicatos, depois na bancada parlamentar e, finalmente, no partido aferrado ainda à tradição crítica à ordem capitalista. No Congresso de Jena, em 1913, cerca de 70% dos delegados estavam a favor dos dirigentes reformistas já majoritários na executiva nacional do PSDA, proporção que se repetia na bancada parlamentar. Nas duas votações que dividiram o Congresso - sobre as greves de massas e o apoio à votação de aumento dos impostos para subsidiar o esforço bélico alemão - a maioria obteve respectivamente 333 a 142 votos e 336 a 140 votos.

Já o PSI, revelando este processo de integração passiva, teria o maximalismo de fundamentos centristas predominante nas estruturas partidárias até o momento de ruptura no Congresso de Livorno. Neste Congresso, os "unitários" em torno a Serrati

³⁷ A fórmula de Kautsky em *O caminho para o poder*, "Não somos nem apoiadores da legalidade nem revolucionários a qualquer custo", é expressiva de seu "centrismo" no plano estratégico.

obtiveram 57% dos votos, a esquerda bordiguistas-gramsciana 34% e a direita em torno a Turati 9%.

Há, inicialmente, duas reflexões complementares a serem feitas. No processo de integração ativa, como verificou-se no caso alemão, ocorre uma tendência a uma simetria na correlação de forças nas diversas instâncias do movimento - estrutura partidária, expressão institucional e sindicatos. No processo de integração passiva, como ocorre uma diferença de ritmos no processo de integração das várias instâncias, a correlação de forças entre as diversas alas tendem à assimetria.

Em segundo lugar, há uma correlação positiva entre a relação de forças entre as classes sociais e seus deslocamentos com a relação de forças entre as várias alas partidárias. Derrotas dos trabalhadores reforçam o possibilismo, a noção de que o questionamento dos horizontes da ordem é inviável, pelo menos na etapa vigente.

Esta visão horizontal da correlação de forças entre as alas do PSDA e PSI deve ser completada por uma interpretação vertical, isto é, através de uma análise das relações dos diferentes projetos estratégicos encarnados por estas alas com a história do seu tempo.

O interessante estudo de Bo Gustafsson - *Marxismo e revisionismo, a crítica bernsteiniana do marxismo e suas premissas histórico-ideológicas* - mostra a dimensão internacional do fenômeno reformista, a sua legitimidade enquanto alternativa inserida na tradição social-democrata e, ao mesmo tempo, a sua impossibilidade de realização no quadro de desenvolvimento capitalista tardio na Alemanha ou na Itália.

A idéia contida no pensamento de Bernstein de uma estabilidade linear no desenvolvimento capitalista na Alemanha e a sua progressiva "democratização" pela ação da social-democracia seria brutalmente desmentida. Ao invés de uma lenta evolução, crises traumáticas e instabilidade crônica. Toda a artificialidade do pensamento de Bernstein - o fato de imaginar o futuro da Alemanha com lentes inglesas - aparece quando este é confrontado com o processo crescente de enrijecimento e militarização do expansionismo alemão da época dos monopólios. Bernstein chega a afirmar às vésperas da eclosão da 1ª Guerra Mundial que a corrida armamentista era como um "parasita não orgânico na árvore do desenvolvimento econômico moderno". A direita da social-democracia ultrapassaria em muito os devaneios reformistas de Bernstein: seria alcada em 1918 à condição de partido da ordem, instrumento de contenção da radicalização operária e, depois, da organização da repressão aberta ao movimento revolucionário.

Na Itália, a ala turatiana permaneceria minoritária no partido definitivamente a partir do Congresso de 1912. A ala "trabalhista", dirigida por Bissolati tentou em vão fundar um novo partido com uma inserção bastante marginal na cena política italiana do período.

O centrismo de Kautsky ou expresso por Serrati na social-democracia italiana mostrou igualmente a sua face de impotência na história. A militarização do Estado e a eclosão da guerra deslocaram as lutas parlamentares do centro da cena política. Essa impotência do centro social-democrata foi a expressão mais perfeita, mais acabada, da contradição real vivida pelo proletariado no fim do século XIX e início do século XX.

A situação extremadamente minoritária da esquerda revolucionária no PSDA, sem dar a esta noção um conteúdo fatalista, aparece como expressão das fortes tendências de integração das instituições social-democratas. No caso italiano, este posicionamento minoritário também aparece, embora como se trata de um processo de integração passivo, menos compacto, a esquerda revolucionária pôde lidar com espaços para furar o bloqueio, enraizou-se mesmo que localmente, polarizou forças significativas no processo de radicalização da conjuntura italiana.

Tal posicionamento minoritário deixou marcas evidentes nas teorias das várias lideranças de esquerda reveladas no período, tanto na social-democracia alemã como na italiana. Essas marcas aparecem como *desequilíbrio*, como dificuldade de pensar a estratégia de forma global, na ênfase crítica que inflexionava o pensamento destes representantes da ala esquerda.

A localização de alas direita, centro e esquerda, tal como definimos no início deste item, deve ser feita absorvendo as especificidades do processo de diferenciação no interior do PT.

Estas especificidades podem ser alinhadas em três planos: o caráter pragmático do processo de diferenciação, isto é, ele tem ocorrido na maioria das vezes relacionado a temas táticos mais do que diretamente estratégicos (é apenas inicial o debate de caráter estratégico no PT); a extrema diversidade das correntes políticas que afluíram ou se formaram no interior do PT conforma uma pauta extremamente complexa de posições que muitas vezes se cruzam ao invés de criarem campos nítidos e coerentes de diferenciação no

plano estratégico; tem havido um processo permanente de evolução das correntes internas, que contribui para não fixar campos estáveis de demarcação.

O PT ainda evidencia pelo menos duas diferenças marcantes com a experiência social-democrata no que diz respeito às tendências internas.

Em primeiro lugar, a forte presença de correntes vinculadas à Igreja em seu interior. Estas correntes, no entanto, não tem apresentado uma articulação global e própria no interior do PT, mas antes parecem, em sua heterogeneidade, dissolverem-se em várias tendências.³⁸

Em segundo lugar, a regulamentação do direito de tendências e o reconhecimento de sua presença proporcional nas instâncias de direção a partir dos V e VII Encontros Nacionais, criaram um campo de síntese partidária que tem canalizado, ao menos parcialmente, as tendências centrífugas do processo de diferenciação.

Feitas estas considerações, é possível dizer que a configuração do processo de diferenciação no interior do PT se assemelha a uma enorme "mancha" de centro, com delimitações precárias à direita e à esquerda.

Isto é:

- uma ala explicitamente reformista, de tipo bernsteiniano ou turatiano, não conseguiu consolidar posições orgânicas no partido, chocando-se em vários momentos com a sua tradição de independência de classe; a partir daí, tendeu de forma dispersa e pragmática a se dissolver no "centro", conquistando posições de força

³⁸ Nos Congressos do PT e da CUT, as correntes vinculadas à Igreja têm se distribuído quase sempre em diferentes chapas.

se dissolver no "centro", conquistando posições de força principalmente no plano da expressão institucional do movimento;

- uma ala formada em uma cultura explicitamente revolucionária que, além de ser bastante minoritária no plano partidário, sofre uma pressão permanente de adaptação ao "centro"; bastante minoritária no plano da expressão institucional, ela, no entanto, consegue manter posições mais amplas no interior do movimento sindical classista.

- um "centro" bastante heterogêneo, composto por sindicalistas, parlamentares, dirigentes partidários, correntes de quadros marxistas em processo de transformação cujos limites são, de um lado, a manutenção da independência de classe e, de outro, a incapacidade de gerar uma estratégia coerente de ruptura da ordem. É interessante notar aqui a natureza distinta do "centro" petista que nasce de um processo de forte radicalização das lutas dos trabalhadores e se alimenta permanentemente delas.

Cap. 3: A TRADIÇÃO REVISITADA: O ENIGMA ESPELHADO.

I

No decorrer de todo este trabalho de construção analítica extremamente tensionado para compreender as especificidades contrastantes entre a experiência do PT e dos partidos da social-democracia no início do século, estivemos lidando com um conceito chave: o da *integração à ordem*. É necessário que estabeleçamos com mais clareza o sentido operativo deste conceito.

Antes de tudo, é preciso distinguir o uso que fazemos dele ao longo desta análise. Desde logo, nos distanciamos do seu entendimento de corte funcionalista, sistêmico, que define a "integração" como "fazer um todo a partir dos componentes previamente separados (de uma comunidade humana)".¹ Como o utilizamos, ele não exclui a noção básica de contradição entre as classes sociais e aproxima-se mais do conceito de hegemonia tal como foi formulado por Antonio Gramsci nos *Cadernos do Cárcere*.

Uma aproximação deste conceito é dada por Victoria Bonnell em *"Trade Unions, parties and the state in Tsarist Russia: a study of Labor Politics in St. Petersburg and Moscow"*: "Estou usando este termo para indicar o estado de consciência partilhado por um grupo de pessoas que sente ao menos uma vinculação mínima em relação a certas instituições hegemônicas (políticas, econômicas, sociais e

1

Esta definição é formulada por Karl W. Deutsch no artigo "Integration and autonomy: some concepts and ideas", *Ekistics*, nº 179.

culturais) e que estão dispostas a aceitar as regras vigentes para o futuro (possivelmente com algumas modificações). A noção de 'integração' serve para atrair nossa atenção para as circunstâncias que induziram os trabalhadores a aceitar ou rejeitar ordens estabelecidas.²

A potência explicativa deste conceito reside em quatro dimensões:

- ele capta uma dimensão essencial do capitalismo que é a sua capacidade de absorver tensões, auto-reformar-se, de operar com grande flexibilidade no plano econômico, político e ideológico com suas contradições internas;

- ele permite uma visão global do processo histórico, integra as dimensões econômica, política e ideológica da luta de classes em suas inter-conexões e condicionamentos;

- ele assegura uma visão interativa dos processos vividos pelas classes dominantes e classes trabalhadoras e ilumina o seu mútuo condicionamento;

- ele permite um amplo painel comparativo na história, possibilitando identificar a combinação específica de elementos que é particular a cada experiência.

A partir de exemplos históricos, podemos identificar alguns padrões de integração.

Podemos falar de uma *integração plena* nos casos em que a pressão capitalista sobre a classe trabalhadora é tão forte que ela não consegue construir uma consciência autônoma de seus interesses, inibindo-se assim a formação da organização política

de independência de classe. Podemos falar aqui de uma dimensão social da integração como o aspecto mais saliente, isto é, os trabalhadores são travados no seu próprio processo molecular de reconhecimento enquanto classe. São os exemplos clássicos da Inglaterra e dos EUA.

Indicamos como processo de *integração ativa* aquele no qual as instituições autônomas dos trabalhadores são puxadas para uma dinâmica de atração pela ordem, que consegue captá-las e subordiná-las para seu projeto. Neste caso, o aspecto *institucional* da integração é o mais relevante. É o exemplo típico da social-democracia na Alemanha no período que culminou com a eclosão da 1ª Guerra Mundial.

Nomeamos processo de *integração passiva* aquele em que as pressões da ordem burguesa não são suficientes para integrar as instituições autônomas dos trabalhadores, mas são capazes de condicionar o seu horizonte, abafando as suas potencialidades revolucionárias. É o exemplo das relações do PSI com a ordem dominante na Itália no período anterior à ascensão do fascismo. Aqui, a dimensão *ideológica* da integração cumpre a função chave.

Nenhum destes três processos exclui a luta, o atrito, as formas de resistência da classe trabalhadora mesmo em relação a parcelas importantes do sistema. Pressões para reforma, resistência aos aspectos mais opressivos ou excludentes de um sistema não significam na maioria das vezes a sua rejeição como um todo e, muito menos, a consciência de uma alternativa a ele.

É a partir do mosaico comparativo construído ao longo do segundo capítulo que alinhamos alguns tópicos conclusivos da evolução do PT à luz da experiência vivida pelos partidos social

-democratas.

1 - Assim como os partidos social-democratas na Alemanha e na Itália, o PT tem origem em uma ordem capitalista que encontra dificuldades para integrar plenamente a classe trabalhadora no mercado de consumo e em uma ordem política legitimada. Mas uma ordem que apresenta características sociológicas específicas, próprias à sua condição de país periférico e da etapa atual de desenvolvimento capitalista, que dificultam uma expressão classista do movimento do tipo que ocorreu com a social-democracia no início do século (fortíssima diferenciação estrutural da classe trabalhadora, extenso mercado de trabalho informal, menor peso relativo da classe operária industrial, etc).

2 - O PT nasce e desenvolve-se em relação com uma ordem capitalista em processo de auto-reforma e mais aberta à competição eleitoral do que aqueles enfrentados pela social-democracia no início do século, alcançando precocemente em relação à trajetória dos partidos social-democratas comparados, um forte grau de inserção na institucionalidade.

3 - Partido nascido em meio à crise de paradigmas do movimento socialista internacional, envolvido em uma síntese de tradições políticas muito diversas (entre elas correntes vinculadas à Igreja, diferentemente da experiência social-democrata). O PT desenvolveu um pragmatismo no terreno programático e ideológico que, como o PSI e o PSDA, tem dificuldades em ultrapassar o horizonte de disputa concorrencial nos marcos do Estado burguês e dos marcos do capitalismo monopolista.

4 - Como o PSDA e diferentemente do PSI, o PT desenvolveu ao

longo dos seus primeiros dez anos de existência uma tradição de independência política de classe que o mantém diferenciado das várias correntes liberais, inibindo ou dificultando um processo de integração ativa na ordem.

5 - Apesar de ter desenvolvido uma tradição marcadamente autóctone, diferentemente dos partidos social-democratas que se inseriam em um sistema internacional de partidos, o PT encontra-se menos exposto às pressões integradoras do nacionalismo devido à profunda internacionalização das classes dominantes com as quais se enfrenta.

6 - O PT, ao contrário do PSDA e em menor medida do que o PSI, não desenvolveu nestes seus dez anos uma rede de formas associativas, culturais e de imprensa para reproduzir a sua ideologia, em um contexto em que os meios de integração ideológica à disposição das classes dominantes - principalmente através dos veículos de comunicação de massa - são muito mais poderosos do que aqueles existentes no período em que se formou a primeira tradição social-democrata.

7 - Assim como na tradição do PSDA e do PSI, tem se manifestado uma tendência a uma separação de campos de atividades entre o partido e os sindicatos, com as consequentes pressões integradoras daí decorrentes, que se manifestam nas dificuldades de superar as atitudes corporativas no movimento sindical.

8 - Da mesma forma que na tradição social-democrata - manifestada mais claramente no caso alemão - as tendências de institucionalização das formas de organização do movimento dirigido pelo PT encontram dificuldades para criar laços consistentes com os setores mais explorados e oprimidos da classe

trabalhadora, entre os quais não se enraiza uma cultura classista.

9 - Diferentemente do PSDA, o PT nos seus dez primeiros anos de existência não conformou uma estrutura partidária fortemente centralizada com padrões burocráticos, sofrendo um certo atraso na construção partidária em função de forças centrífugas desencadeadas pela autonomização de suas expressões institucionais e sindicais.

10 - Diferentemente do PSDA, o PT não assistiu ainda ao crescimento orgânico em suas estruturas partidárias de uma "ala direita", francamente defensora de um projeto de integração na ordem, conformando a dominância de um espectro "centrista" que, se de um lado, recusa uma subordinação à ordem, por outro. Tem dificuldades em construir um projeto alternativo a ela.

Este conjunto de conclusões são fundamentais para indicar as tendências e contradições de evolução do PT.

Em primeiro lugar, parece bastante improvável que o PT - a partir dos marcos atuais - caminhe para um processo de integração ativa na ordem, como ocorreu no caso do PSDA.

Uma soma de elementos econômicos e sociais (o caráter dependente do capitalismo brasileiro, a sua incapacidade histórica de incorporar o conjunto da classe trabalhadora de uma forma crescente e plena ao mercado de trabalho), políticos (a ausência de uma corrente liberal ou reformista no campo burguês), ideológica (a artificialidade de uma ideologia integradora como foi o nacionalismo na história social-democrata) e de cultura partidária (ausência de uma ala coerentemente reformista e majoritária no seio do PT) indicam esta direção. Para que ocorresse um processo de integração ativa do PT à ordem, portanto,

teriam que ocorrer alterações profundas na cena histórica e na própria tradição petista.

No entanto, o estudo comparativo iluminou uma série de características específicas da tradição construída pelo PT nestes dez anos que apontam para uma tendência predominante a uma integração passiva na ordem, tal como foi definida no início deste capítulo. Isto é: o PT apresenta uma série de elementos ideológicos (diluição de sua feição socialista), políticos (incompletude programática e estratégica), organizativa (uma certa adaptação naturalista de sua estrutura, combinada com pressões de institucionalização) que dificultam a construção de um projeto alternativo à ordem capitalista. Estes elementos tendenciais, em sua projeção, se não alterados, poderão cristalizar uma cultura partidária que bloqueie o potencial transformador dos trabalhadores. O termo "passivo" que acompanha a caracterização vale exatamente para caracterizar a modalidade negativa da integração burguesa. Ele não minimiza as várias "rupturas" que o movimento social gerado pelo PT causou e continua causando à ordem burguesa selvagem e autoritária que se apresenta no Brasil. Nem mesmo desvaloriza os sentimentos de justiça e dignidade que têm acompanhado a trajetória do PT desde a sua origem. Serve apenas para qualificar, para além da ideologia petista, os limites, as insuficiências destas "rupturas", insuficientes em sua soma e projeção para gerar uma transformação qualitativa da ordem capitalista.

II

Ao longo da comparação do PT com os partidos da II Internacional, vimos como não há uma tradição socialista homogênea, compacta, uniforme. Pelo contrário, ela é atravessada pelo dissenso, pela contradição, pela disputa entre as várias estratégias em torno das relações entre reforma e revolução.

Aquilo que é contradição na experiência da II Internacional é um *enigma* irresolvido na obra de Marx. Dizendo melhor: a contradição na experiência da II Internacional é uma projeção na história de uma irresolução na obra de Marx. Daí porque a volta à raiz do marxismo desminta as expectativas de encontrar um porto seguro, um sistema, uma tradição fechada que permitisse um enquadramento teórico preciso do PT.

As elaborações de Marx em torno ao desafio da revolução foram tensionadas por duas experiências polares: o processo de integração da classe operária inglesa e a irrupção revolucionária da Comuna de Paris.

A relação de Marx com a breve e heróica Comuna de Paris está bem registrada na intensa correspondência que ele manteve com os insurretos, na brochura *A Guerra Civil na França* e nas várias oportunidades em que se referiu ao tema em cartas e congressos.

Essa relação é marcada pela contradição entre a identificação ideológica com o movimento e o questionamento de sua viabilidade histórica. Antes: desde o primeiro momento, mostrou-se contrário à qualquer tentativa de proclamar a Comuna de Paris.³ A partir do 12

³ Ver cartas de Marx a Engels de 6 de setembro de 1870 e a

de abril, coloca-se ideologicamente no campo da Comuna, exaltando-a e identificando-a como a expressão da

"mais gloriosa proeza do nosso partido desde a insurreição parisiense de Junho."⁴

Depois: constrói uma análise de sua herança política, elaborando a idéia da revolução como ruptura do Estado e como construção de um novo tipo de poder. A Comuna de Paris teria revelado

"a forma política finalmente descoberta para levar a cabo dentro dela a emancipação econômica do trabalho".

Em períodos subsequentes, daria ênfases diferentes para a explicação da derrota da Comuna, seja a falta de preparação, sejam os erros cometidos pela sua direção, seja o seu isolamento internacional.

Essa contradição é explicada pelo fato de que a Comuna de Paris objetivamente era a expressão de um proletariado parisiense precariamente constituído do ponto de vista sociológico, com uma tradição socialista incipiente, em um país majoritariamente agrário. De toda forma, a experiência da Comuna marcou ideologicamente a tradição marxista com a noção da ruptura da ordem.

Se a Comuna de Paris é, na expressão de Marx, o exemplo de um movimento que "assalta os céus", a classe trabalhadora inglesa fornece a experiência de um proletariado robustamente desenvolvido do ponto de vista sociológico mas que confina o seu horizonte

Kugelmann de 17 de fevereiro de 1870. Ver também mensagem enviada a Paris às vésperas da eclosão da Comuna,

⁴ Carta de Marx a Kugelmann, de 12 de abril de 1870.

pragmaticamente ao campo de luta por reformas no sistema capitalista.

O exame da relação de Marx com este processo é particularmente interessante porque traz luz aos impasses da teoria marxista.

Marx constata o paradoxo ao afirmar em um contexto no qual procurava justificar a necessidade da presença interventora do Conselho Geral da I Internacional junto ao movimento operário da Inglaterra:

"Os ingleses possuem todas as premissas materiais necessárias para a revolução social. O que lhes falta é espírito de generalização e fervor revolucionário."⁵

Os vários comentários dos dois fundadores do marxismo sobre a situação inglesa são assim recapitulados na excelente obra de Lélío Basso, *Socialismo y Revolución*⁶:

"É sabido que desde 1858, Engels punha em relevo o aburguesamento da classe operária inglesa: 'Enquanto ao resto - escrevia a Marx em 7 de outubro de 1858 - parece-me que o novo giro que tomou Jones, junto com as tentativas anteriores, mais ou menos exitosas de uma tal aliança, está vinculado ao fato de que o proletariado inglês está se aburguesando cada vez mais, de maneira tal que esta, a mais burguesa das nações, aparentemente não tardará a possuir uma aristocracia burguesa e um proletariado burguês além de uma burguesia.'

"Mas, no marco de suas convicções gerais, Marx poderia pensar que se tratava de um fenômeno passageiro. 'Quando se livrarão os operários ingleses de sua aparente infecção burguesa, é coisa de esperar para ver', escrevia a Engels em 9 de abril de 1865.

"Entretanto, não se tratava nem de um fenômeno passageiro nem de uma infecção aparente e, frente a permanência da situação, Marx buscou uma nova explicação

⁵ Comunicação confidencial de Marx a Engels de 1-1-1870.

⁶ Lélío Basso, *Socialismo y Revolución*, p. 313.

provisória na luta pela reforma eleitoral.⁷

"Nas eleições de 1868, as primeiras após a ampliação do sufrágio aos operários, os votos foram para os candidatos liberais ou conservadores, frustrando uma vez mais as esperanças de Marx e Engels em um forte representação operária. Engels referiu-se a esta situação dizendo que o proletariado inglês havia fornecido a si um certificado de pobreza moral. Marx tomou nota desse estado de ânimo dos operários ingleses e, como vimos, a princípio dos anos setenta atribuiu a responsabilidade à mentalidade britânica e dirigia suas esperanças revolucionárias para a Irlanda e os irlandeses. 'O ardor revolucionário do operário celta não se une harmoniosamente à natureza positiva, mas lenta, do operário anglo-saxão', escrevia na citada Comunicação confidencial. E, na Conferência de Londres de 1871, confirmava que 'os operários ingleses avançam lentamente'. Em uma carta a Kugelmann, de 18 de maio de 1874, retoma novamente o tema escrevendo que 'na Inglaterra, só avança no momento o movimento dos camponeses (no qual havia muitos irlandeses, L.B.). Os operários industriais antes de tudo devem desprender-se dos seus chefes atuais.' Quatro anos depois, em uma carta a Liebknecht, diz que 'a classe operária inglesa havia sido cada vez mais corrompida desde 1849 e havia terminado por chegar a não ser outra coisa que a cauda do grande Partido Liberal, isto é, dos lacaios dos capitalistas'. (...) No ano seguinte à sua morte (de Marx), encontramos uma explicação sintética em uma carta de Engels a Kautsky, de 8 de novembro de 1884: 'O desenvolvimento capitalista burguês mostrou ser mais poderoso que a pressão revolucionária oposta.'"

Na relação com a experiência inglesa, Marx enfatizaria outros elementos estratégicos na construção das condições para a revolução socialista:

I - A incorporação do movimento pelas reformas como parte da luta pela revolução socialista. Marx saúda a conquista das primeiras leis que reduzem a jornada de trabalho como "ação revolucionária", a primeira grande conquista imposta à "economia política do capital", em áspera polêmica com os anarquistas;⁸

⁷ Carta a Engels de 6 de abril de 1868.

⁸ Carta a Sorge de 5 de novembro de 1880.

II - Recupera e valoriza o sufrágio eleitoral que vê se

"transformar assim de instrumento de engano, como tem sido até agora em instrumento de emancipação."⁹

Em uma intervenção na Conferência de Londres da I Internacional, Engels afirmaria:

"Alguns insinuaram que fazer política seria reconhecer o estado atual das coisas. Mas apoderar-se de tudo que serve para trabalhar em sua destruição é reconhecer este estado de coisas?"

III - A ênfase no caráter processual da revolução como caminho para a auto-construção das classes trabalhadoras enquanto dirigentes. Em uma entrevista ao periódico nova-iorquino *The World*, em 18 de julho de 1871, após portanto a experiência da Comuna de Paris, Marx afirma:

"Na Inglaterra, por exemplo, a classe trabalhadora tem aberto diante de si o caminho para o desenvolvimento de seu poder político. Uma insurreição seria uma loucura ali onde a agitação pacífica pode levar com maior rapidez e segurança à meta."

Engels, em várias oportunidades, emitiria juízos semelhantes sobre a estratégia revolucionária na Inglaterra.

Não há propriamente uma oposição antagônica ou excludente entre o que Marx afirma sobre a Comuna de Paris e o processo inglês. Há, antes, um silêncio na história: a ausência de uma experiência que combinasse força sociológica do proletariado e consciência revolucionária. E um silêncio na teoria: a ausência em Marx de uma explicação, a partir de seus próprios fundamentos

⁹ Marx, no programa preparado para o Partido Operário Francês.

metodológicos, das possibilidades de integração do movimento operário à ordem capitalista.

Este silêncio, não se faz sem danos. Ele convive com a superestimação, em certos contextos, das possibilidades revolucionárias, fruto da atribuição ao movimento operário real de uma tendência intrínseca ou naturalmente socialista. Esta ênfase espontaneista no pensamento de Marx não configura, é preciso dizer, uma teoria da espontaneidade revolucionária da classe trabalhadora. Ela é explicada, em grande medida, pelo acento polêmico de Marx contra várias correntes utópicas que exatamente negavam o movimento real da classe. Como anota Lélío Basso, essa ênfase espontaneista seria a inspiração de uma tradição determinística ou fatalista, de um lado, e do voluntarismo, de outro, no interior mesmo das gerações marxistas seguintes.

A obra política do último Engels - este local de passagem entre a tradição da I e da II Internacional - está tensionado para o ansiado encontro entre um proletariado sociologicamente constituído e a teoria revolucionária, nesta que pode ser chamada a primeira etapa do desenvolvimento da social-democracia alemã. A sua famosa introdução à *Luta de Classes na França*, em sua ênfase às possibilidades subversivas do avanço no terreno eleitoral e na inadequação histórica do método das barricadas da Comuna de Paris, foi recebida pela ala reformista do PSDA como um momento de ruptura com a tradição revolucionária do marxismo.¹⁰

¹⁰ Bernstein, por exemplo, afirmou que nesta introdução Engels "exaltou com uma decisão como nunca antes a utilização do sufrágio universal e a atividade parlamentar como meio para a emancipação dos trabalhadores e despediu-se da idéia da conquista do poder político por meio de assaltos

A interpretação estritamente legalista deste escrito, no entanto, ficou bastante desacreditada após os sucessivos esclarecimentos que vieram à luz com a publicação das cartas de Engels, em protesto aos cortes na *Introdução* que, no entender dos dirigentes do PSDA, poderiam causar problemas ao estatuto legal do partido. Um dos trechos de uma carta de Engels a Richard Fisher, por exemplo, diz:

"Pensei em nossas próprias ilegalidades quando as leis anti-socialistas, as mesmas que se querem voltar a impor! Legalidade tanto quanto nos convenha e até quando nos convenha, mas nada de legalidade a todo preço, nem sequer na fraseologia."

É certo, no entanto, que a ênfase de Engels nas potencialidades abertas pelo crescimento eleitoral da social-democracia não corresponde o enfrentamento das contradições estratégicas daí decorrentes.

A disjuntiva Comuna de Paris-movimento operário inglês foi vivida na tradição da II Internacional - e, em particular, no PSDA - como polaridade entre a atração da radicalidade do movimento operário russo e o curso reformístico inglês. A obra de Rosa Luxemburgo, por exemplo, está profundamente impregnada pela influência da revolução russa de 1905.

É interessante e pouco conhecido o fato de que Kautsky construiu pontes para sua posição centrista reclamando para a Alemanha uma situação histórica específica, que a demarcava da Inglaterra e dos EUA, de um lado, e, de outro, do "Oriente atrasado". A distinção Oriente/Ocidente seria, aliás, um dos

revolucionários." Citado por Bo Gustafson, *op. cit.*

principais pontos de apoio de Kautsky na crítica às posições de Rosa Luxemburgo e Anton Pannekoek nos anos que precederam a eclosão da 1ª Guerra Mundial.¹¹

Essa disjuntiva histórica projeta uma série de polos, em torno aos quais pode se organizar o debate ocorrido entre as várias correntes na tradição social-democrata original.

Podemos, assim, construir o seguinte quadro:

Ocidente	Oriente
Evolução	Ruptura
Partido como expressão do movimento	Partido como vanguarda do movimento
Guerra de posição	Guerra de movimento
Ação parlamentar	Ação de massas
Organização	Espontaneidade
Kant	Hegel
Reforma	Revolução

Da mesma forma, podemos compreender a divisão entre a II e a III Internacional como uma petrificação destas polaridades, à esquerda e à direita, na teoria e na história. É interessante notar inclusive que a tradição da III Internacional marcou um retorno às referências da Comuna de Paris, tão relativizadas na cultura da II Internacional.

Esta digressão sobre os impasses da tradição socialista tem o sentido de criar referências analíticas para elaborar uma primeira

¹¹ Kautsky argumenta que o radicalismo de Pannekoek era baseado na total incompreensão das condições específicas existentes nos países capitalistas desenvolvidos e sobre a simples trasposição para o Ocidente das formas de luta existentes em Estados atrasados como a Rússia.

conclusão sobre as relações do PT com esta tradição.

Na cultura do PT, o enigma dos elos entre reforma e revolução reaparece, é conscientemente incorporado e tem a sua ~~projecção~~ ^{RESOLUÇÃO} pragmaticamente projetada para o futuro.

Partido laico, com referências doutrinárias plurais, exposto à aventura da história, o PT no confronto com a primeira tradição socialista é, assim, um enigma espelhado em outro enigma: refletido mas ainda não revelado.

ANEXO COMPARATIVO DA SOCIAL DEMOCRACIA E DO PT.

Itens comparados	PSDA	PSI	PT
<i>Economia e sociedade</i>			
1) Grau de desenvolvimento capitalista	Forte, com certo atraso no Sul	Inicial e bastante desigual	Forte mas profundamente desigual
2) Natureza da integração no mercado mundial	Potência imperialista emergente	Inserção marginal na ordem imperialista	Industrializado e dependente
3) Peso do proletariado industrial	44,8% em 1910	29,4% em 1910	24,4% em 1980
4) Grau de diferenciação das classes trabalhadoras	diferenciação estrutural inicial	diferenciação estrutural inicial	forte diferenciação estrutural
5) Correlação temporal entre desenvolvimento capitalista e organização dos trabalhadores	simultaneidade relativa	forte simultaneidade	nascimento tardio
6) Peso da questão agrária	Pequeno, regionalizado	Forte impacto nacional	Forte, regionalizado
7) Grau de incorporação dos trabalhadores ao mercado	Parcial, relativamente estagnado no período	Bastante parcial, estagnado no período	Parcial, profundamente diferenciado, relativamente estagnado no período
<i>Estado e regime</i>			
8) Abertura para a institucionalidade eleitoral e capacidade de auto-reforma	Sufrágio masculino, forte distorção na proporcionalidade e regime fechado	Instituição progressiva do sufrágio masculino, regime parlamentarista em crise	Sufrágio universal e forte abertura à competitividade

9) Grau de inserção do partido na institucionalidade	Forte inserção parlamentar	Forte inserção parlamentar e administrações municipais	Forte e "precoc" inserção parlamentar e administrativa
10) Tradição da legalidade	Profunda tradição legalista	Forte tradição legalista	Tradição legalista
11) Trabalho político nas Forças Armadas (FFAA)	Anti-militarismo retórico	Anti-belicismo de massas sem trava nas FFAA	Programa democrático sem trabalho próprio nas FFAA
12) Relação com os partidos liberais	diferenciação e criação de uma tradição de independência de classe	descontinuidade na criação da independência de classe	tradição de independência de classe
<i>Ideologia e Programa</i>			
13) Horizonte de superação do Estado burguês	Reformas das leis eleitorais e do regime	Reformas das leis eleitorais e do regime	Pressão democratizante sobre a ordem
14) Horizonte de superação da ordem capitalista	Reivindicações economicistas + maximalismo	Reivindicações economicistas + maximalismo	Pressão distributivista
15) Construção de novos valores culturais, éticos e morais	Forte rede associativa sem projeto hegemônico alternativo	Tradição mutualista com resistência em declínio	Fraca densidade hegemônica
<i>Partido e sindicatos</i>			
16) Separação de campos de atividade entre partido e sindicato	Separação institucionalizada	Separação institucionalizada	Tendências fortes de separação
17) Criação da estrutura sindical burocrática e verticalizada	Sistema sindical profundamente burocratizado	Sistema verticalizado mas fragilmente organizado	Corporativo de tipo mais horizontalizado

18) Dinâmica corporativa das lutas de massa	Sim; recusa à greve geral de massas	Sim; surtos de dicalização da luta operária e popular	Sim; experiências tópicas de greves gerais
<i>Organização e democracia interna</i>			
19) Subestimação da ação espontânea dos setores mais explorados e oprimidos	Forte subestimação	Subestimação e apoio "passivo"	Tendências de subestimação
20) Grau de burocratização da estrutura partidária	Forte, a partir de meados da primeira década	Estrutura de tipo federativo	Tendências de burocratização, relativizadas por tradição democrática e federativa
21) Tendência de autonomização das esferas institucional e sindical em relação ao centro partidário	Sim; acomodação do partido à autonomização	Sim; diferenciação assimétrica entre as alas	Sim; particularmente no plano administrativo
<i>Tendências e integração</i>			
22) Configuração predominante na diferenciação	Progressivo domínio da ala "direita"	Domínio "centrista" a partir de 1912	Domínio de um "centro" pragmático
23) Peso da ala "direita"	Crescentemente majoritária	Minoritária a partir de 1912	Minoritária sem expressão autonomizada
24) Peso da ala "esquerda"	Fortemente minoritária	Formação tardia em crescimento sem perder a condição minoritária	Minoritária, marginal no plano da expressão institucional e mais forte no campo sindical

BIBLIOGRAFIA

ABCD Sociedade Cultural

1980. *Lula: Entrevistas e discursos*. ABCD Sociedade Cultural. São Bernardo do Campo.

Albuquerque, Eduardo

1990. *A foice e o robô: Inovações tecnológicas e luta operária*, Editora Página 7. São Paulo.

Antunes, Ricardo

1988. *A rebeldia do trabalho - o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1979/80*. Editora Ensaio. São Paulo.

Arfé, Gaetano

1965. *Storia del Socialismo italiano (1892-1926)*. Giulio Einaudi Editore. Torino.

Artous, Antoine e Ollivier, François

1979. "A trop vouloir prouver... (a propos de l'article de Henri Weber "De l'influence des directions trahitres". Critique Communiste, nº 27. Paris.

Baroch, Paul

1982. "International Industrialization levels from 1750 a 1980", Journal of European Economic History, vol. 11, nº 2, Primavera.

Basso, Lelio

1983. *Socialismo y revolución*. Siglo Veintiuno Editores. México.

Bensaid, Daniel

1987. *Stratégie et parti*. La Brèche. Paris.

Cerroni, Umberto et alii

1985. *Teoria marxista del partido político*. Ediciones de Pasado y Presente. México.

Cole, G. D. H.

1974. *Historia del pensamiento socialista*. Fondo de Cultura Económica, México.

Dantas Junior, Altino (org.)

1981. *Lula sem censura: "... e aí a peãozada partiu pro pau"*. Editora Vozes Ltda, 1981.

Democracia Socialista

1981. *O PT e o partido revolucionário*. Ed. Aparte. São Paulo.

Dias, Edmundo Fernandes

1983. "Do Giolittismo à Guerra Mundial", mimeo.

1987. *Democracia Operária*, Editora da Unicamp, Campinas, 1987.

Engels, Friederich e Marx, Karl

1951. Ver Karl Marx e Friederich Engels.

19 . Ver Karl Marx e Friederich Engels.

Fernandes, Florestan

1989. *Pensamento e ação. PT e os rumos do socialismo*. Editora Brasiliense. São Paulo.

Geras, Normam e Le Blanc, Paul

1990. "Marxisme et parti 1903-1907 (Lénine, Luxemburg, Trotsky)". Cahiers d'étude et de recherches de l'Institut International du Recherche et de Formation, Amsterdam.

Gramsci, Antonio

1975. *Quaderni del Carcere*. Giulio Einaudi Editore. Torino.

Gustafsson, Bo

1975. *Marxismo y Revisionismo: la crítica bernsteiniana del marxismo y sus premisas histórico-ideológicas*. Ediciones Grijalbo. México.

Heyman, Horst

1982. *La actualidad de Eduard Bernstein*. Editorial Nueva Imagen. México.

Hobsbawn, Eric

1985. *História do Marxismo*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro.

Humphrey, John

1983. *Fazendo o milagre - controle capitalista e luta operária na indústria automobilística brasileira*. Vozes/CEBRAP. Rio de Janeiro.

Instituto Cajamar

1988. *A relação partido/sindicato*. Cadernos de Debate I. Instituto Cajamar. São Paulo.

Kautsky, Karl

1968. *A questão agrária*. Editora Laemmert, Rio de Janeiro.

1976. "A nova tática" Cuadernos de Pasado y Presente. nº 63. Buenos Aires.

1979. *O caminho do poder*. Editora Hucitec. São Paulo.

Keck, Margareth Elizabeth

1986. *From movement to politics: the formation of the Worker's Party in Brasil*. mimeo. Columbia University.

Kinzo, Maria Dalva Gil

1985. *Legal opposition politics under authoritarian rule in Brazil - the case of MDB (1966-1979)*. PHD Dissertation. St. Anthony's College. Oxford.

Lenin, Vladimir

1975. *Obras Completas*. Editorial Ayuso-Editorial Akal. Madrid.

Linden, Marcel van der Linden

"The National Integration of european working classes (1871-1914) - Exploring the causal configuration", *International Review of Social History*, 1988, vol. XXXIII, nº 3.

Lowy, Michel

1978. *La teoría de la revolución en el Jovem Marx*, Siglo Veintiuno Editores. Mexico.

Luxemburgo, Rosa

1978. *Obras Escogidas*. vol. I e II. Ediciones Era. México.

Mandel, Ernest

1987. *O lugar do marxismo na história*. Editora Aparte. São Paulo.

Marx, Karl e Engels, Friederich

1951. *Obras Escogidas*. Ediciones en Lenguas Extranjeras. Moscou.

19. *La primera Internacional: textos y documentos*. Editorial Fundamento.

Meneguello, Rachel

1989. *PT - Formação de um partido: 1979-1982*. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro.

Pannekoek, Anton

1976. "Acciones de massa y revolución." Cuadernos de Pasado y Presente, nº 63. Buenos Aires.

Pelling, Henry

1963. *A history of British trade-unionism*. Penguin Books. Londres.

Pont, Raul

1985. *Da crítica ao populismo à construção do PT*. Editora Seriemá. Porto Alegre.

Przewoeski, Adam

1989. *Capitalismo e Social Democracia*. Companhia das Letras. São Paulo

Rainho, Luís Flávio

1980. *Os peões do grande ABC*. Editora Vozes. Petrópolis.

Rotsthein, A

1928. *Une époque du mouvement ouvrier anglais - chartism et trade unionism*. Editions Sociales Internationales. Paris.

Sader, Emir

1986. *E agora PT? Caráter e identidade do Partido dos Trabalhadores*. Editora Brasiliense. São Paulo.

1989. "The Workers' Party in Brazil". *New Left Review*. Nº .

Salvattori, Massimo

1978. *Kautsky e la rivoluzione socialista 1880-1938*. Giangiacomo Feltrinelli Editore. Torino.

Schorske, Karl

1955. *German social-democracy 1905-1917. The Development of the great Schism*. Harvard University Press. Cambridge.

Serra, José

1981. "Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra". Seminário sobre Políticas para o Desenvolvimento Latinomericano do Cecade. México.

Souki, Lea

1986. *Um estudo exploratório sobre autoritarismo num partido político*. Tese de Mestrado. UFMG. mimeo.

Weber, Henri

1979. "De l'influence des directions trâitres". *Critique Communiste*. nº 26.

Weffort, Francisco

1986. *Por que democracia?* Editora Brasiliense. São Paulo.

1989. *PT: Um projeto para o Brasil*. Editora Brasiliense. São Paulo.